**UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO**

**CURSO DE JORNALISMO**

**ISABELLA RIGOLIN MENGELLE BIANCHI**

# JORNALISMO DE GUERRA E OS EFEITOS DISCURSIVOS DA TECNOLOGIA NA INFORMAÇÃO

**RIBEIRÃO PRETO**
**2023**

**ISABELLA RIGOLIN MENGELLE BIANCHI**

# JORNALISMO DE GUERRA E OS EFEITOS DISCURSIVOS DA TECNOLOGIA NA INFORMAÇÃO

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito para graduação em Jornalismo.

Orientador: Prof. João Flávio Almeida.

**RIBEIRÃO PRETO**
**2023**

BIANCHI, Isabella Rigolin Mengelle, 1994-
B577j Jornalismo de guerra e os efeitos discursivos da tecnologia na informação / Isabella Rigolin Mengelle Bianchi. – Ribeirão Preto, 2023.
58 f. : il. color.

Orientador: Prof.º Dr.º João Flávio Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

1. Análise do discurso. 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Redes sociais on-line. II. Titulo.

CDD 070

ISABELLA RIGOLIN MENGELLE BIANCHI

Jornalismo de Guerra e os efeitos discursivos da tecnologia na informação.

Trabalho de Curso apresentado à Universidade de Ribeirão Preto para aprovação no Curso de Graduação em Jornalismo (área de concentração: Jornalismo de Guerra).

Local e data da apresentação: Ribeirão Preto, 6 de fevereiro de 2023

Resultado: 9,0

Banca Examinadora:

**Orientador:** _____
Nome: Prof. João Flávio Almeida
Instituição: Universidade de Ribeirão Preto

**Examinador 1:** _____
Nome: Paulo Apolinário
Instituição: Universidade de Ribeirão Preto

**Examinador 2:** _____
Nome: Guilherme Pires de Campos
Instituição: Universidade Barão de Mauá

*Dedico este trabalho à minha avó, principal responsável por preservar a memória da nossa família e que se foi, infelizmente, antes que pudesse fazer parte deste momento. Dedico também ao meu filho, na esperança de que um dia ele possa ler essas páginas e entender como era o mundo muito antes dele, para que também consiga entender melhor como o mundo em que ele vai viver se tornou.*

*Agradeço aos meus amigos pelo apoio, não só durante a realização deste trabalho, mas em todos os momentos importantes da minha vida. Sem eles, eu jamais chegaria até aqui. A toda a minha família, pelo esforço conjunto que me possibilitou estudar e que tanto me ensina todos os dias. Por fim, agradeço a Universidade de Ribeirão Preto pelo ensino e principalmente pelo acolhimento, e ao meu orientador pela paciência, confiança, cafés e compreensão em todos os momentos dessa jornada.*

# RESUMO

**BIANCHI, Isabella R. M.** Jornalismo de Guerra e os efeitos discursivos da tecnologia na informação; Universidade de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2023.

A cobertura da Segunda Guerra Mundial foi um marco importante não só da história da humanidade, mas também para a história do jornalismo de guerra. Durante a cobertura da Segunda Guerra Mundial, o leitor precisava esperar a manhã para pegar o jornal do dia e se atualizar com notícias que já chegavam ultrapassadas por conta das limitações tecnológicas da época. Atualmente, bombardeios ou invasões são transmitidos ao vivo para milhares de pessoas através de *lives* e postagens nas redes sociais, com destaque para o *TikTok*. O presente projeto de pesquisa buscou utilizar teorias e fundamentos da análise do discurso, como os conceitos de memória discursiva e sujeito discursivo, para analisar os efeitos da tecnologia na memória discursiva no contexto de duas guerras acontecidas em tempos diferentes, identificando as diferenças de relacionamento entre consumidores de notícias e conteúdos de diferentes tempos e plataformas. A metodologia foi a de pesquisa exploratória-qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica, seguida da análise documental de notícias da coluna de guerra do extinto Diário de São Paulo, publicadas entre os anos de 1939 e 1943, e conteúdos publicados no *TikTok* a respeito da Guerra na Ucrânia, entre 24 de fevereiro de 2022 e 15 de julho de 2022. Em seguida, foram realizadas entrevistas com um membro da família do dono do caderno de guerra que contém as notícias selecionadas e com um usuário do *TikTok* que tenha se informado sobre a Guerra na Ucrânia majoritariamente através da rede social. O resultado final mostrou que a relação entre consumidor e texto é muito afetada pelo caminho que ambos percorrem, mas também a relação do leitor com a guerra é afetada pela forma como ele se informa sobre ela.



**Palavras chave:** Análise do Discurso; Memória Discursiva; Pêcheux, Ucrânia; Segunda Guerra Mundial; TikTok.

## ABSTRACT

**BIANCHI, Isabella R. M**. War journalism and the discursive effects of technology on information; University of Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2023.

The coverage of the Second World War was an important milestone not only in human history, but also in the history of war journalism. During the coverage of the Second World War, the reader had to wait for the morning to pick up the day's newspaper and update himself with news that was already outdated due to the technological limitations of the time. Currently, bombings or invasions are broadcast live to thousands of people through lives and posts on social networks, especially TikTok. This research project sought to use theories and fundamentals of discourse analysis, such as the concepts of discursive memory and discursive subject, to analyze the effects of technology on discursive memory in the context of two wars that took place at different times, identifying differences in the relationship between consumers of news and content from different times and platforms. The methodology was exploratory-qualitative research, based on a bibliographic review, followed by document analysis of news from the war column of the extinct Diário de São Paulo, published between the years 1939 and 1943 and contents published on TikTok about the War in Ukraine, between February 24, 2022 and July 15, 2022. Then, interviews were conducted with a family member of the owner of the war notebook that contains the selected news and then with a TikTok user who has been informed about the War in Ukraine mainly through the social network. The final result showed that the relationship between consumer and text is greatly affected by the path they both take, but also the reader's relationship with the war is affected by the way he informs himself about it.



**Keywords:** Discourse Analysis; Discursive Memory; Pêcheux, Ukraine; Second World War; TikTok.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1 – Hitler e Mussolini se encontram no Passo do Brenner**

**Figura 2 – O Dulce é avisado que a Itália está à beira da bancarrota**

**Figura 3 – Mussolini não acredita no atentado contra Hitler**

**Figura 4 – Os generais de Hitler admitem o fracasso na Rússia**

**Figura 5 – A queda do fascismo na Itália**

**Figura 6 – I was living a normal life in Kyev**

**Figura 7 – My life before war**

**Figura 8 – My day as Ukrainian in Lviv during war**

**Figura 9 – My updated day as Ukrainian in Lviv during war**

**Figura 10 – Please, take action**

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO** **11**
**1 CONCEITOS E TEORIAS DA ANÁLISE DO DISCURSO** **14**
1.1 O QUE É DISCURSO 17
1.2 MEMÓRIA DISCURSIVA 20
1.3 SUJEITO DISCURSIVO 26
**2 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: Diário de São Paulo** **30**
2.1 HITLER E MUSSOLINI SE ENCONTRAM NO PASSO DO BRENNER 31
2.2 O DULCE É AVISADO QUE A ITÁLIA ESTÁ À BEIRA DA BANCARROTA 32
2.3 MUSSOLINI NÃO ACREDITA NO ATENTADO CONTRA HITLER 34
2.4 OS GENERAIS DE HITLER ADMITEM O FRACASSO NA RÚSSIA 35
2.5 A QUEDA DO FASCISMO NA ITÁLIA 37
2.6 ENTREVISTA COM VALTER MENGELLE 38
**3 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: TikTok** **42**
3.1 IN 2021 I WAS LIVING A NORMAL LIFE IN KYIV 43
3.2 MY LIFE BEFORE WAR 44
3.3 MY UPDATED LIFE AS UKRAINIAN IN LVIV DURING WAR 46
3.4 PLEASE, TAKE ACTION 47
3.5 ENTREVISTA COM VITÓRIA COIMBRA E SOUZA 48
**4 RESULTADOS** **51**
**CONSIDERAÇÕES FINAIS** **54**
**REFERÊNCIAS** **56**

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em utilizar as teorias e fundamentos da análise do discurso de linha francesa, mais especificamente Michel Pêcheux (1969), para analisar os efeitos da tecnologia na memória discursiva no contexto de duas guerras acontecidas em tempos diferentes.

As guerras são o exemplo mais simples para explicar a importância do trabalho do jornalista na história. Segundo Élvio da Silva Carvalho (2013, p.68), "o interesse do ser humano é atraído pela falta de segurança e pelo risco da fatalidade, e o exemplo máximo dessa possibilidade é, sem dúvida, a guerra".

As guerras são também alguns dos primeiros grandes eventos da humanidade do qual existem relatos de notícias. As primeiras guerras que tiveram cobertura jornalística mundial foram a guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Civil Americana (1861-1865), segundo Allan & Zelizer (2004). Foi na cobertura da Guerra da Crimeia que surgiu William Russel, considerado o primeiro correspondente de guerra da imprensa moderna. Nas palavras de Carvalho (2013):

> (...) os seus relatos visionários, bastante detalhados e altamente críticos para com os malefícios que a guerra traz para soldados e civis, foram tão relevantes que se tornaram o estilo a seguir por todos os que lhe seguiram os passos. A descrição quase literária daquilo que os seus olhos presenciavam era registrada em textos bem elaborados que transferiam as imagens dos cadáveres, dos mutilados e de todos os outros horrores que a guerra pressupõe, diretamente da frente de combate para os diários e semanários. Por outras palavras, graças a Russell, pela primeira vez a guerra ganhava o estilo de notícia propriamente dita. Nascia, pois, o jornalismo de guerra (CARVALHO, 2013, p. 12)

A cobertura da Segunda Guerra Mundial foi um marco importante da história do jornalismo de guerra, pois através dela foi eternizado um dos maiores genocídios já vistos pela humanidade. A respeito da construção da narrativa jornalística na Segunda Guerra, leciona Carvalho (2013):

> (...) durante a Segunda Guerra, o processo voltou a repetir-se, com os jornais e rádios a serviço de um propósito propagandista nacional, ocultando e distorcendo os fatos, e ao publicar histórias que tomaram o lugar da realidade. Ainda que durante a Segunda Guerra as pressões tenham sido menores e o número de correspondentes tenha aumentado, era necessário consultar tanto a imprensa do lado Aliado, como do lado do Eixo, para se encontrar um "meio-termo" que mostrasse um pouco da verdade. O problema maior, no entanto, eram os próprios correspondentes, que sabiam bem que estavam a ser utilizados para uma campanha de propaganda nacional e, ainda sim, desistiam de lutar. (CARVALHO, 2013, p.16)

Durante a Segunda Guerra Mundial, era necessário esperar o jornal do dia para atualizar os últimos acontecimentos, que por sua vez, já eram ultrapassados por conta das limitações tecnológicas. O correspondente de guerra, no século XX, precisava estar em campo, produzir o material e enviar para a redação antes que ele pudesse ser distribuído aos leitores. Já nos dias de hoje, bombardeios ou invasões podem ser transmitidos ao vivo para milhares de pessoas através de *lives* e postagens nas redes sociais, em especial o *TikTok*.

Essa diferença no processo de busca pela informação por parte do consumidor de notícias afeta a relação que ele cria com a notícia e, consequentemente, com a guerra em si. É essencial, portanto, que o jornalista compreenda de maneira mais profunda como essa relação é afetada, assim como é importante para que o público entenda e analise sua forma de consumir notícias de guerra.

Assim, buscou-se analisar, sob a ótica das teorias da análise do discurso, a memória do consumidor de notícias da 2ª Guerra Mundial, publicadas na coluna de guerra do extinto Diário de São Paulo entre os anos de 1939 e 1943, e dos conteúdos sobre a Guerra da Ucrânia que são veiculados diariamente no *TikTok* desde a invasão russa em 24 de fevereiro de 2022. Por fim, o trabalho se propôs a comparar os efeitos da memória discursiva dos leitores dentro dos contextos históricos em que elas aconteceram, fazendo também uma valoração da notícia como texto dentro dos veículos em que ela foi publicada.

A metodologia utilizada para o presente trabalho consistiu em uma pesquisa exploratória-qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica que foi, posteriormente, contrastada com entrevistas e análise de documentos e conteúdos referentes às guerras selecionadas.

Em um primeiro momento, foram conceituados os preceitos da análise do discurso utilizados para analisar os documentos e entrevistas. O caráter exploratório da pesquisa foi definido pela familiarização com os conceitos de discurso, memória discursiva e sujeito discursivo, seguindo as teorias propostas por Michel Pêcheux.

Para o desenvolvimento, foram selecionadas cinco notícias da coluna de guerra do extinto Diário de São Paulo, publicadas entre os anos de 1939 e 1943, e cinco conteúdos publicados no *TikTok* a respeito da Guerra na Ucrânia, entre 24 de fevereiro de 2022 e 15 de julho de 2022. Os documentos e conteúdos foram, então, analisados seguindo o embasamento teórico previamente desenvolvido.

Em seguida, foram realizadas entrevistas com um membro da família do dono do caderno de guerra que contém as notícias selecionadas, e com um usuário do *TikTok* que se informa sobre a Guerra na Ucrânia majoritariamente através da rede social. As entrevistas

semiestruturadas foram gravadas e transcritas, respeitando os devidos esclarecimentos éticos, apresentação do tema, concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com garantia de sigilo das informações pessoais.

Segundo Orlandi (2005, p.27), “as condições não dependem só das intenções dos sujeitos, mas são definidos pela finalidade da análise, pelo referencial teórico e pelas portas com a exterioridade do texto.” Também de acordo com Renan Hayashi, o verdadeiro aprendizado do interpretante está condicionado ao esforço ativo para se lembrar do que foi dito.

> Dessa forma, o esforço ativo para recordar, muitas vezes, pode incorrer no que chama-se de “abuso da memória”, um excesso de memória que irrompe e que coloca em curso traumas e recalques que estabelecem as rotas da compulsão à repetição e atuação desenfreada. (HAYASHI, 2021, p.173)

O local para a entrevista foi definido de acordo com a comodidade de cada participante, já que o local de entrevista buscava fazer com que o participante se sentisse à vontade para a conversa.

A conduta do entrevistador foi a de escuta suspensiva e voltada para identificar pontos expressivos no discurso que demonstrassem experiências significativas (Barreira & Ranieri, 2013). As entrevistas objetivaram um relato aprofundado e pessoal e foram realizadas até o alcance da saturação da amostra.

# 1 CONCEITOS E TEORIAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

A análise do discurso francesa é uma teoria da área de ciência linguística e da comunicação que surgiu pela primeira vez na obra Análise Automática do Discurso, do filósofo francês Michel Pêcheux.

Pêcheux nasceu na França em 1938 e era pesquisador da *École Normale Supérieure*, em Paris, quando publicou sua primeira grande obra, em 1969. Na época, a França passava por períodos de intensa transformação em toda sua conjuntura social, política e acadêmica, por conta de três fenômenos teóricos que se destacavam nas universidades: as releituras de Marx, Freud e Nietzsche; o advento do estruturalismo como fenômeno cultural e os esforços para voltar a epistemologia e a história das ciências para o domínio das ciências humanas. (NARZETTI, 2008, p. 24)

As proposições levantadas por Pêcheux vão na contramão dos pensamentos defendidos por Noam Chomsky, que por sua vez, defendia o valor biológico da linguagem e ocupava a maior parte dos estudos linguísticos da época. No mesmo período, o pensamento estruturalista de Ferdinand de Saussure dominava a maioria das teorias a respeito da comunicação. Nos anos 1950, a Linguística Estrutural já exercia forte influência sobre vários campos do saber que fazem uso de seus métodos e conceitos, como a antropologia de Lévi-Strauss, a psicanálise de Lacan e a semiologia de Barthes. A Linguística era, portanto, tida como a grande norteadora das ciências sociais.

Nas palavras de Paul Garvin (1964):

> O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem um lugar definido. (GARVIN, 1964, p.8)

O terceiro ponto de ebulição era a epistemologia histórica francesa, que também sofreu mudanças e alcançou grande importância para o pensamento da década de 50 e 60. Nessa época, presenciou-se a transformação da “filosofia da experiência, do sentido e do sujeito” para “a filosofia do saber, da racionalidade e do conceito” que estava, até aquele momento, concentrada nas ciências exatas e biológicas, começando a se voltar para as ciências humanas. (NARZETTI, 2008, p. 25)

Foi neste contexto filosófico, portanto, que Michel Pêcheux aprendeu filosofia e começou a desenvolver suas teses: a partir dos problemas desta época e das alternativas que

eles ofereciam, ele começou a esboçar o projeto de uma Análise do Discurso. A análise proposta por Pêcheux buscava expandir o cerne das discussões linguísticas, de modo que abarcassem outros fatores não inclusos nos sistemas linguísticos propostos pelo estruturalismo, como a ideologia. O pensamento de Pêcheux se baseava em estudos prévios de Althusser que estabeleciam intersecções entre a linguagem, as ciências humanas e a ideologia, com o objetivo de compreender a materialidade histórica da língua.

Althusser, para ele, começava como uma inspiração teórica e substrato para reflexões mais avançadas. Pêcheux começou a perceber que as releituras de Marx e Freud, o estruturalismo e a epistemologia não eram sobrepostas, nem tampouco excludentes, mas convergentes em pontos essenciais, apresentando entrecruzamentos de mútuas influências que colocavam em mote a constituição do sujeito, a questão da leitura e a questão das relações entre a ciência e a ideologia.

Para Althusser, a Linguística Moderna tinha papel fundamental na compreensão do mundo, pois contribuía para a elucidação do discurso do inconsciente e da ideologia que nele reside. Ele apresentava as releituras de Marx e Freud, além do advento do estruturalismo, como suscitadores de importantes questões epistemológicas referentes à cientificidade do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística, relacionadas às suas especificidades (uma vez que se distanciavam consideravelmente da concepção positivista das ciências de então) e também relativas à validade da aplicação dos conceitos e métodos da Linguística em outros domínios do saber, e que, segundo Althusser, até então ignoravam as condições econômicas, políticas e ideológicas nas quais as ciências se produziam (NARZETTI, 2008, p. 26).

Contudo, a análise do discurso pêcheuxtiana vai além, compreendendo o discurso também dentro de uma materialidade ideológica. Sua teoria não se deu forma integral já em seu nascedouro, mas desenvolveu-se passando por três fases[1], como o próprio autor evidenciou no texto "*Analyse de Discours: trois époques* (1983)", onde descreveu os eventos que incidiram na construção do objeto teórico Análise de Discurso, apresentando, afinal, o conceito de que um quadro teórico não nasce estável, mas justamente admite novas interpretações, proporcionando seu próprio avanço.

O ponto crucial de transformações na teoria pêcheuxtiana foi o conceito de "Formações Discursivas", que partiu de uma posição estável, na AD1, para uma relação entre Formações Discursivas que se invadem umas às outras a todo o tempo, evidenciando repetições (paráfrases) e diferenças (polissemias) nestas relações, já na AD2. Em seu terceiro

[1] A serem referenciadas, no decorrer do trabalho, como AD1 (primeira fase); AD2 (segunda fase) e AD3 (terceira fase).

período (AD3) fica marcada a preocupação de Pêcheux em considerar na análise os feixes interdiscursivos que ora se entrecruzam, ora se conjugam e ora se apartam.

Este tipo de análise evidencia falhas na língua e equívocos do sujeito. No entanto, também evidencia "o encontro entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões" (PÊCHEUX, 1993, p. 318). O método de análise discursiva, tal como aponta o próprio Pêcheux, deve ocorrer em espiral, associando cruzamentos e fragmentações de séries textuais, levando em consideração as construções das questões, as estruturações de redes de memórias e a produções da escrita (MUTTI, 2003, p. 2).

Para tanto, Pêcheux salientava a importância da análise do próprio gesto de interpretação, uma vez que este é, afinal, capaz de fazer intervenções no processo de análise (PÊCHEUX, 1993, p. 318-320). Neste percurso teórico da Análise Discurso (AD1, AD2 e AD3), fica evidente que mesmo Pêcheux não concordava com a ideia de uma "ciência régia" estabilizada, tal como ele mesmo apontou em "*Le discours: structure ou évenement?*" (PÊCHEUX, 1990).

Segundo essa ideia, não se pode negar que um sujeito sempre formulará uma teoria, inserido em um discurso científico-acadêmico específico, datado espacialmente e historicamente. Logo, sua leitura, evolução e apropriação necessariamente implicam na produção de novos sentidos segundo suas condições de produção, uma vez que os campos de conhecimentos não são fixos.

Esta discussão proposta por Pêcheux faz refletir sobre a ideia de filiação a um campo teórico: supõe a não estagnação dos conceitos, mas sim uma variação a partir de suas aplicações, constituindo novos objetos de pesquisa de forma dinâmica, proporcionando uma evolução da teoria e dos sujeitos que nela se inscrevem. A própria teoria não deve ser vista como um "tudo" proposto pelo sujeito, mas um movimento contínuo de aprimoramento, pois que sempre é imperfeita: algo escapa.

Segundo Maria do Rosário Gregolin (1995), ao se falar em análise do discurso sobre a ótica pêcheuxtiana:

> Ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o campo da língua (suscetível de ser estudada pela Lingüística) e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia). (GREGOLIN, 1995, p.17)

A análise do discurso para Pêcheux procura, portanto, relacionar as particularidades linguísticas e narrativas junto à compreensão ideológica e histórica do sujeito, de forma a

captar todas as camadas comunicativas do texto como parte de compreender, assim, o significado final dele.

## 1.1 O QUE É DISCURSO

Pode-se dizer que os discursos são redes de sentidos que antecedem e fundamentam toda tomada da palavra. Quando uma palavra qualquer é usada ou um texto, seja ele oral, verbal ou imagético, é criado, o discurso é atualizado e materializado, deixando de ser um discurso virtual e passando a ser um discurso real. Pode-se dizer, portanto, que o momento da fala é o momento em que o discurso se materializa.

Tal como o curso de um rio, a língua não é pura liberdade: possui margens que definem o rio como um rio, dando a forma e certa possibilidade de compreensão. Sem as margens, o rio não seria rio, mas uma porção de água disforme e incompreensível. No entanto, a água por sua vez não segue um movimento estabilizado, mas está em constante inquietação dentro das margens do rio, interagindo e se moldando através de pedras, galhos e peixes e brilhando, de formas distintas, na luz do sol e da lua. A língua é rio, e não lagoa. Os peixes e os pescadores vivem cada qual a sua maneira, do mesmo rio.

A margem, por sua vez, não é estanque, mas repleta de furos. Uma parte da água que dali escapa pode vir a formar um novo rio, escapar, procurar um novo percurso, se fazer caber em novas margens. O sentido do rio é maior que a água. Pêcheux foi o primeiro entender o conceito de Discurso como uma materialidade analisável, que passa, então, a ser estudado por teóricos como algo que vai além do simples texto, das questões gramaticais e das palavras escolhidas pelo enunciador.

Assim, para Pêcheux, o sentido de um enunciado não brota do seio do próprio texto, mas sim de um complexo universo que circunda o sujeito e o discurso. Portanto, a Análise do Discurso Francesa[2] se interessa por tudo que conecta sujeito e texto, pelo máximo de informações que estiverem ao alcance do analista durante a busca por um sentido que, afinal, se apresentará sempre em movimento. Segundo Eni Orlandi (2005):

> A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. Como sabemos, esse esquema elementar se constitui de: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Temos então que: o emissor transmite uma mensagem

[2] A ser referenciada, no decorrer do trabalho, como ADF.

> (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente. (ORLANDI, 2005, p.20-21)

Além da mensagem e do código que faz com que ela seja compreendida pelo receptor, o emissor também passa a ter importância quando o discurso começa a ser explorado, bem como os fatores psicológicos, sociais, ideológicos e pessoais que fazem com que o emissor seja quem ele é, e principalmente, fale da forma como fala. Não obstante, os mesmos aspectos também serão essenciais para implicar novos significados ao discurso por parte do receptor.

Ainda nas palavras de Eni Orlandi (2005):

> A Análise do Discurso reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pechêux (1975): não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2005, p.16)

Assim, a Análise do Discurso procura entender a língua fazendo sentido, um complexo movimento que envolve o trabalho simbólico, o trabalho social e a constituição do sujeito, tudo isto a partir da historicidade e da ideologia que circunscreve esta relação. (ORLANDI, 2001, p. 23)

Para a Análise do Discurso, não importa a língua como um sistema abstrato e meramente ideal, mas a língua no mundo material, suas maneiras de significar e produzir sentidos enquanto parte real da vida e de suas relações em efeitos de sentidos. Para Pêcheux e Fuchs (1997):

> [...] nos faz preferir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um efeito de sentidos entre os pontos A e B. (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 82)

A constituição do sujeito emissor enquanto pessoa passa a atribuir significado ao discurso, assim como o receptor da mensagem também implica suas particularidades e ideologias ao decodificar o texto. Para Maria do Rosário Gregolin (1995):

> Esses recursos do nível discursivo têm como objetivo estabelecer a relação entre o enunciador do texto e o enunciatário, permitindo a interpretação por meio de marcas espalhadas no texto. Essas marcas conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido. Entendemos, portanto, discurso como um dos patamares do percurso de geração de

> sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu. (GREGOLIN, 1995, p.17)

Compreende-se, portanto, que o contexto social e histórico em que um texto é produzido inevitavelmente deixa marcas discursivas, que são essenciais para que o leitor consiga interpretar a mensagem de forma integral à sua maneira.

Assim, dilui-se a dicotomia emissor/receptor, pois que ambos são, a todo instante, ativos e passivos no processo de significação (ORLANDI, 2005a, p. 17). O pescador só é pescador por causa do rio e de seus peixes, logo, o peixe é tão ativo quanto o próprio indivíduo na constituição do "sujeito pescador". O sujeito fala a partir de um lugar que é condicionado pela relação com o outro, o que predispõe a compreensão, como "discurso", do que se pensava antes como "mensagem", pois que o discurso é esta complexa rede de atores atuando na constituição de sujeitos e de sentidos, e não mera transmissão de sentidos (ORLANDI, 2001, p. 130).

O rio não é somente movimento de levar água da nascente até o oceano, é um importante movimento de constituição e criação: margens, peixes, pescadores e outros são constituídos neste movimento. Por baixo da superfície do rio, existe uma infinidade de movimentos e de vida que não são vistos, mas que é justamente de onde o pescador faz emergir sobressaltos que alteram a relação do homem com o rio. Através da metáfora, é possível compreender que a língua, em seu movimento, comunica e silencia a todo instante, contudo não de forma dialética, mas concomitante. (ORLANDI, 2005a, p. 18)

Analiticamente, a transformação do conceito de texto em discurso se dá quando todas as escolhas gramaticais, de vocabulário e literárias, trazem em si mensagens próprias e completas, que enriquecem a narrativa e fazem com que novas camadas de interpretação sejam adicionadas. Essas novas camadas, necessárias para a compreensão do sentido da mensagem, serão necessariamente influenciadas pela bagagem histórica, social e ideológica tanto de quem emite quanto de quem recebe a mensagem. Ainda segundo Gregolin (1995):

> O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido, o mais próximo da manifestação textual. As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de ‘escolhas’, de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado ‘ponto de vista’. A narrativa é, assim, ‘enriquecida’ com essas opções do sujeito da enunciação. (GREGOLIN, 1995, p.16)

Outro ponto importante que a análise do discurso leva em consideração ao delimitar o discurso a ser analisado é a ausência de um texto. Gregolin (2005) também considera que,

dentro das estratégias discursivas, a não-existência de uma palavra de forma expressa também atribui um significado essencial para que a mensagem seja compreendida.

Essa compreensão esclarece que o não-dito também agrega significados subjetivos, que podem ser utilizados para a compreensão final do leitor. Dentro do contexto jornalístico, leciona Maria do Rosário Gregolin (1995):

> O discurso jornalístico caracteriza-se, ainda, pela utilização de imagens que, pelo seu caráter 'icônico', não deixam espaço para a refutação. Essa 'ilusão de realidade' pode ser construída em todos os sistemas semióticos como a pintura (perspectiva, ocupação do espaço, ancoragem histórica), o filme (focalização e posicionamento da câmera), o teatro (jogos de luz, utilização do palco). (GREGOLIN, 1995, p.19)

O discurso não é, portanto, um texto a ser atravessado em busca de uma mensagem de um sentido, mas uma composição de histórias, sujeitos, ideias e ideais que se completam através de processos constituintes contínuos, já que determinados pontos podem convergir para a construção de um novo olhar sobre o mundo. A língua faz sentido por se inscrever na história, sem olvidar, no entanto, que ela possui suas regularidades sintáticas e enunciativas. Esta historicidade traz consigo as ideias de "memória" e de "ideologia" numa imbricada relação com o sujeito, este resgatado da psicanálise (ORLANDI, 2005a, p. 19).

O discurso tem, portanto, sua regularidade a partir das relações sociais e históricas; sistema linguístico e realização; subjetividade e objetividade e, por fim, processo e produto.

## 1.2 MEMÓRIA DISCURSIVA

A Análise de Discurso Francesa não para na interpretação, mas trabalha seus limites e mecanismos como partes constituintes no processo de significação (ORLANDI, 2005a, p. 26). Ainda, não procura um sentido verdadeiro através de uma espécie de "chave" de interpretação, uma vez que compreende que cada sentido é único. Não há verdade alguma oculta atrás do texto, mas sim gestos de interpretação que o constituem, ou, como diz Friedrich Nietzsche (2005, p.22), "não existem fatos, apenas interpretações".

Aqui, uma importante distinção se faz necessária entre inteligibilidade, interpretação e compreensão. Inteligibilidade é a capacidade de captar os signos meramente pelo conhecimento da língua. A interpretação é o sentido em contexto, e a compreensão é a capacidade de apreender o que não fora dito, somando-o ao dito. Para esta busca pela compreensão, Pêcheux sugere um "Dispositivo Teórico de Interpretação", que contém certo

rigor proveniente da ADF, somado a um "dispositivo analítico" que será construído pelo analista, análise por análise.

Partindo, portanto, do princípio de que o discurso é composto por camadas explícitas e intrínsecas dotadas de significados próprios e complementares que estão em constante transformação, é necessário pensar de que forma essas camadas e significados se relacionam.

A memória é, em Pêcheux, um conceito caro. Fala-se de uma memória discursiva, de um "já dito antes" que torna possível "meu dizer agora", ou seja, que sustenta o dizível no qual escolho palavra por palavra, sentido por sentido (ACHARD, 1999, p. 16), colocando-os em uma relação que explicita a identidade. É a memória que disponibiliza os dizeres possíveis, o que evidencia que cada dizer em verdade não é de propriedade particular, as palavras não são nossas, no entanto assumimos o importante papel de organizadores de dizeres (ORLANDI, 2005a, p. 31).

A memória discursiva remonta a um eterno já dito, uma tensão contraditória no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória que se caracteriza de duas formas: a) certos acontecimentos que escapam à inscrição na memória; b) certos acontecimentos que são absorvidos na memória, esquecidos, como se não tivessem ocorrido (ACHARD, 1999, p. 50). Neste funcionamento da memória podemos distinguir dois movimentos: o interdiscurso (constituição) e o intradiscurso (formulação). A constituição determina a formulação, ou seja, pelo funcionamento do interdiscurso suprime-se a exterioridade do texto para inscrevê-la no interior do texto.

Assim, o interdiscurso tem que ver com historicidade, uma memória que especifica a forma com que novos acontecimentos históricos serão inscritos na história. Este interdiscurso implica um anonimato, uma voz sem nome, para que faça sentido quando de minhas escolhas e constituição das palavras, ou seja, o intradiscurso, que consiste naquilo que é pinçado do interdiscurso para dentro da fala (ORLANDI, 2005a, p. 33). Ainda segundo Eni Orlandi (2005):

> Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2005, p.30-31)

Só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, ou seja, ninguém tem acesso à totalidade da memória, no entanto mesmo o que ele não diz está trabalhando na significação de suas palavras. A isto Pêcheux chama "esquecimentos", que por sua vez se dão de duas formas: esquecimento ideológico e esquecimento enunciativo, chamados de esquecimentos um e dois.

O primeiro esquecimento, o ideológico, é também chamado de sonho adâmico, o Adão que primeiro deu nome às coisas. Uma ilusão de que o sujeito disse o que quis dizer e de que ele é a origem do que fala, quando na verdade, os discursos já estavam em processos de desenvolvimento anteriores à chegada de quem o interpreta.

O segundo esquecimento acontece na enunciação. A cada frase falada, uma infinidade de frases não faladas acontece ao mesmo tempo numa enorme rede de paráfrases, o que indica que cada dizer poderia sempre ser outro (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 170). Em verdade, nenhuma paráfrase pode dizer o mesmo. Há sempre a impressão, um esquecimento, de que o que foi dito só poderia ter sido dito daquele jeito, uma estabilização forçada pelas vias da ideologia que silencia as derivas: os universos logicamente estabilizados (PÊCHEUX, 2008, p. 22).

Deste segundo esquecimento surge a discussão sobre o "novo e o mesmo", que em Pêcheux se dará a partir da tensão entre a paráfrase e a polissemia. Ou seja, enquanto se silencia as derivas nos sentidos, os efeitos de paráfrase conduzem o homem a um eterno retorno ao que já sempre foi dito, mas em relação de tensão com a polissemia, a língua pode caminhar e se mover. A polissemia implica a ruptura dos processos estabilizados de significação, logo, um deslocamento das regras que coloca em foco o diferente, o não dito da paráfrase, o inimaginável e o novo (RODRIGUES, 2011, p. 120). Assim, língua passa por uma paráfrase e por uma polissemia: a primeira que lhe dá certa estabilização, permitindo-lhe certa inteligibilidade, e a segunda que lhe dá poder de criação e de ruptura com este estável.

Os sentidos de um discurso, portanto, surgem da relação entre aquilo que está sendo dito no texto analisado, e tudo aquilo que já foi dito antes e surte efeito na interpretação de quem está fazendo a análise. Ainda segundo Orlandi (2005):

> A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2005, p.31)

Compreende-se, portanto, o interdiscurso como a constituição de um discurso em relação a outro, independente do primeiro, e que atrela a memória à interpretação do que está sendo dito, abrindo espaço para redefinições, novas ligações e um novo significado ao discurso que é lido pelo analista.

> Não atravessamos o texto para extrair, atrás dele, um conteúdo. Paramos em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos – e os sujeitos – nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação. É a isso que referimos quando dizemos que na Análise Linguística e na Análise de Conteúdo se trabalha com produtos e na Análise de Discurso com processos de constituição (dos sujeitos e dos sentidos). (ORLANDI, 2005, p.89)

Essa possibilidade de influência do interdiscurso faz com que a análise do discurso ultrapasse a camada de conteúdo de um texto, uma vez que atrela o significado da memória do interlocutor, adicionando novas camadas de sentido ao texto.

Dentro da teoria pêcheuxtiana, a memória do sujeito impõe desejos de materialidade, ou seja, o novo acontecimento discursivo novo possui capacidade de acionar a memória, fazendo com que o acontecimento se desloque no tempo e trazendo novos significados que, por usa vez, adicionam novas camadas interpretativas para aquele determinado acontecimento.

Para Regina Mutti (2007):

> (...) na atividade de reconstituição do acontecimento pela memória, o sujeito mobiliza implícitos, sentidos pré-construídos que tendem a reforçar a regularização, pois surtem o efeito de já-lá; no entanto, se desestabilizam pelo sujeito que os resgata na sua enunciação, sempre única (MUTTI, 2007, p. 266).

Estes esquecimentos dizem respeito a um não dito, algo que de alguma forma fora silenciado. Em muitos casos o silêncio fica às margens nas teorias das linguagens, por vezes reduzido à mera falta de palavras que nada significa, aliás, um instante como que "vácuo" significativo. Orlandi (1997), por sua vez, dá ao silêncio um funcionamento positivo, uma forma diferente de significar; no entanto, longe de ser mero vazio: o silêncio significa.

Essas formas de funcionar da língua devem ainda ser analisadas pela teoria dos sujeitos, da psicanálise, em relação com a teoria da ideologia marxista. Tendo em foco o sentido, o ponto nodal no qual se intersectam Linguística, Filosofia e Ciências Sociais, A ADF cria um novo campo de conhecimento que confronta o político e o simbólico, interrogando a Linguística pela historicidade que ela exclui, e as Ciências Sociais pela

transparência da linguagem sobre a qual elas se amparam sem romper justamente com a ideologia que as funda (ORLANDI, 2005c, p. 10).

A relação sujeito/ideologia é o grande diferencial da teoria de Pêcheux sobre a linguagem. Até os dias atuais, a semiótica ainda tenta desvelar o sentido através de uma relação hermética entre os signos (ECO, 1988, p. 21), desconsiderando toda exterioridade do texto bem como a ação do sujeito leitor e produtor na produção do sentido.

Esta intersecção de conceitos é cara para Pêcheux, pois que para a ADF "[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados" (ORLANDI, 2005, p.47). Pêcheux afirma em "Semântica e Discurso" que os sujeitos são únicos, que são singulares os sujeitos que constituem a massa de sujeitos, e enfim que cada sujeito é uma relação entre o “inconsciente" de Freud com a “ideologia" de Marx. Pêcheux traz, portanto, o conceito de Althusser para mostrar que o indivíduo é constituído sujeito a partir desse "assujeitamento" ideológico:

> [...] o indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do **s**ujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão. (ALTHUSSER, 1985, p. 104)

Entende-se, portanto, que a constituição do sujeito-eu se dá pelas vias do ideológico. Orlandi também apresenta este, mas já inserindo o papel da língua nesse assujeitamento:

> [...] é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento (ORLANDI, 2005, p.50).

Assim temos que o sujeito da análise do discurso não é o indivíduo, um sujeito empírico, mas sim o sujeito do discurso, este que carrega consigo as marcas do social, do ideológico, do histórico. É assim que se dá a constituição do sujeito pela ideologia: o assujeitamento do inconsciente - que é o discurso do outro - pela ideologia, que constitui a soma de todos os outros sujeitos - o grande sujeito, o grande outro - pelas vias da língua. Assim, não há discurso sem sujeito, sujeito sem ideologia, tampouco ideologia sem a língua.

Pêcheux se atenta em diferir claramente “ideologia” de “discurso”. A ideologia é composta por "formações ideológicas", ou seja, o confronto entre forças numa dada formação social num momento específico. O discurso, neste caso, é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza.

A ideologia funciona na reprodução das relações de produção, pela interpretação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. Cada indivíduo seria levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social, mesmo que ele tenha a impressão de ser senhor de sua própria vontade, ou seja, são assujeitados dentro de uma “Formação Ideológica”[3]. As FIs são compostas por formações discursivas, ou seja, os discursos são governados por FIs.

Cada "formação ideológica" comporta uma ou várias "Formações Discursivas"[4]. A “formação discursiva”, por sua vez, é o discurso em formação, em movimento, sem delimitações claras de início e fim. Cada discurso que compõe uma formação discursiva é condicionado por fatores sociais, políticos e ideológicos que direcionam os percursos de expressão e de produção de sentido.

Pêcheux evidencia então que o movimento dos discursos pode fazer com que fragmentos de uma FD enfraquecida ou encerrada possa retornar em FDs em funcionamento, embora transformadas, mas na forma de um "eterno retorno" (Nietzsche), de um "já dito". Esse movimento evidencia, portanto, a heterogeneidade constitutiva do discurso, o que finalmente aponta a dificuldade de distinguir com clareza as fronteiras dos objetos constituintes fundamentais da AD: formação discursiva (FD), formação ideológica (FI) e condições de produção (CP).

É possível afirmar, portanto, que a diferença de períodos históricos em que os discursos ocorrem não impossibilita o encontro entre as memórias do sujeito no momento da interpretação dos discursos, assim como não impede que novos sentidos sejam adicionados a eles. As paráfrases e as famílias parafrásticas de uma FD não são originadas no sujeito, muito embora será nele que cada paráfrase se realizará. É justamente esta paráfrase manifestada no sujeito que fará dele um sujeito único, ou seja, é pela escolha desta ou daquela forma de dizer, dentro de uma FD, que fará com que ele ocupe o seu lugar na "Formação Social": um assujeitamento em que cada sujeito é assujeitado a outro ou a um grupo, e todo eles assujeitados ao "grande sujeito", "grande outro", numa escala social e ideológica já legitimada. Logo, é impossível que o sentido brote hermeticamente do texto, mas sim de uma complexa rede de efeitos de sentido que atravessam o sujeito no instante da produção e da leitura (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 169).

Ainda segundo Pêcheux (1999), a memória:

---

[3] Denominadas, de agora em diante, pela sigla FI.
[4] Denominadas, de agora em diante, pela sigla FD.

> (...) não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos, e cujo conteúdo seria sentido homogêneo, acumulado ao modo reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamento e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

A memória discursiva busca, portanto, a impressão de sentimentos e significados subjetivos, e se reconstrói através da verossimilhança entre o que é discursado e o que é acionado pelo discurso. Ainda segundo Pêcheux (1999):

> A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Compreende-se, portanto, a memória discursiva como um fator móvel e inconstante, responsável por fazer que o discurso esteja, ao mesmo tempo, pronto ao ser escrito e inacabado ao ser interpretado. Nas palavras de Helena Brandão (1996):

> A noção de memória discursiva separa e elege dentro de elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que numa outra conjuntura dada, pode emergir atualizada, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo, dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento, produzindo determinados efeitos [...] (BRANDÃO, 1996, p. 99)

A compreensão do conceito da memória discursiva, assim como a importância dela para a interpretação e significação de um texto, estão também atreladas às discussões e conceitos de sujeito discursivo, que serão explorados mais profundamente adiante.

## 1.3 SUJEITO DISCURSIVO

Enquanto a memória discursiva está relacionada às particularidades ideológicas e experiências passadas do sujeito, o sujeito discursivo se relaciona com as representações sociais. Como explica Patrick Charaudeau (2006, p.117), "o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como imaginários sócio-discursivos".

O discurso produzido por um sujeito implica um destinatário que por sua vez se encontra num lugar determinado na estrutura de uma Formação Social[5]. Este lugar é suposto, no seio do discurso, pelas Formações Imaginárias[6], que assinalam o lugar que cada um, sujeito e destinatário, se atribuem reciprocamente. Em outras palavras, as F.imgs. são os juízos que cada sujeito faz de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 54). Este é mais um argumento contra a ideia de que um discurso implica meramente uma troca de informações entre A e B. O que ocorre, na verdade, é um complexo jogo de "efeitos de sentido" produzidos por F.imgs ideologicamente condicionadas.

Para entender melhor o discurso sobre o "novo" e a obsolescência, é preciso entender como a mídia fala, de que lugar, que lugar atribui ao outro, quais FIs trabalham, como trabalha cada FD da FI do consumo, as paráfrases, falhas, materialidades, condições históricas de produção e os silenciamentos, além de buscar entender os efeitos polissêmicos que permitem derivas criativas que compõem cada discurso.

Para Charaudeau (2006), a construção dos discursos pode acontecer através de dois tipos de conhecimentos: aqueles que estabelecem uma verdade a respeito de fenômenos que não dependem da subjetividade de cada um, e aqueles que buscam explicar o mundo, originando crenças, julgamentos e valorações. Ainda segundo Charaudeau (2006):

> O imaginário não é nem verdadeiro nem falso. É uma proposta de visão do mundo que se apoia sobre saberes que constroem sistemas de pensamento, os quais podem excluir-se ou sobrepor-se uns aos outros. Isto permite ao analista não ter que denunciar este ou aquele imaginário como falso. Este não é o seu papel. O seu papel consiste em ver como aparecem os imaginários, em qual situação comunicativa se inscrevem e qual visão do mundo eles testemunham. (CHARAUDEAU, 2006, p. 59)

É importante ressaltar, contudo, que os imaginários não são inflexíveis e nem se propõem a estabelecer verdades – este último ocorre mais como consequência, do que como objetivo, e está mais relacionado ao impacto na interpretação do discurso do que com a ambição de responder aos questionamentos do mundo de forma geral.

Como já visto, o sujeito na AD é o sujeito do discurso. Em outras palavras, a própria constituição do sujeito se dá em relação ao social materializado no discurso, logo, o sujeito discursivo carrega marcas sociais, ideológicas e históricas.

De tantas formações discursivas existentes, de fato, o sujeito discursivo se constituirá no embate entre elas. Cada FD possui um conjunto de saberes necessários para a construção

---

[5] Denominadas, a partir de agora, como F.S.
[6] Chamadas F.imgs.

de suas delimitações, para seu saber-fazer. Circunscrito ali, o sujeito discursivo passa por um processo de "incorporação-dissimulação" dos elementos do interdiscurso constituinte daquela FD. Enquanto incorpora os saberes constituintes de uma FD, este funcionamento dissimula a origem do próprio discurso, que agora lhe aparece como um dizer já-dado, movimento este (de incorporar e dissimular) que se dá de forma inconsciente.

Pêcheux então insere o conceito de "posição-sujeito", que, segundo ele, é relação de identificação entre o sujeito do saber e o sujeito enunciador, ou ainda, o instante em que o sujeito do saber fala. Diferentes indivíduos, relacionando-se com o sujeito de saber de uma mesma FD, constituem-se sujeitos ideológicos que podem ocupar uma mesma ou diferentes posições (GRIGOLETTO, 2005, p. 2).

Na análise do discurso, o sujeito não é fonte do sentido. Este se dá num trabalho de redes de memórias, diferentes em cada formação discursiva, constituindo assim diferentes posições-sujeito, "resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes nesse discurso" (GRIGOLETTO, 2005, p. 3). Assim, quando se fala da constituição do sujeito pela ideologia, a posição que o sujeito ocupa na sociedade é condicionante de seu dizer. Quando se identifica com determinados saberes, o sujeito se inscreve numa FD, e neste instante ele se transfere do lugar social (sujeito empírico) para o lugar discursivo (sujeito do discurso), ou seja, o sujeito ocupa um lugar social/empírico, mas ao se subjetivar, passa a ocupar uma determinada posição no discurso (ORLANDI, 1999, p. 17).

Este conceito de lugar discursivo tem íntima relação com o conceito de formações imaginárias (PÊCHEUX & FUCHS, 1997), ao dizer que, afinal, a posição que supostamente ocupa um sujeito é imaginária, bem como a que ele atribuirá ao seu interlocutor e vice-versa.

Sobre esta passagem do lugar social (empírico) para o lugar discursivo (sujeito do discurso), Grigoletto (2005, p. 5) afirma:

> Na passagem para o espaço teórico, no nosso caso, para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica.

O sujeito fala de um lugar social específico, este afetado por diferentes relações de poder que constituem seu discurso. Assim, é mediante a prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social/empírico. Ou seja: o lugar de onde se fala constitui a posição

social que um sujeito ocupa ao mesmo tempo em que permite a um sujeito, que ocupa uma determinada posição social, falar a partir de diferentes FDs, ou seja, de lugares discursivos diferentes. Obviamente, este lugar discursivo só existe no instante do discurso, e que também é um lugar imaginário.

Importa, afinal, entender que o lugar discursivo condiciona a posição-sujeito de um indivíduo - suas opiniões, argumentos, saberes e falas (GRIGOLETTO, 2005, p. 7). Contudo este sujeito, em relação com uma materialidade discursiva (língua, imagem, etc.), somente constitui o sentido se dentro de uma inscrição ideológica e histórica.

A melhor forma de compreender os conceitos relacionados à Análise do Discurso se dá através da aplicação prática deles. No próximo capítulo, serão analisados conteúdos jornalísticos referentes à Segunda Guerra Mundial e à Guerra da Ucrânia, que aconteceram em tempos diferentes e contaram com diferentes tecnologias de reportagem.

A análise dos conteúdos será apresentada juntamente com duas entrevistas a respeito das guerras e do tempo histórico em que cada uma aconteceu. Já partindo para a aplicação das técnicas de análise do discurso, é importante ressaltar que o não-dito também implica interpretações ao discurso (Gregolin, 2005), portanto até a escolha dos conteúdos, feitas com base em datas, títulos e narrativas partem de um sujeito constituído, social e ideologicamente, e que também adiciona novas camadas interpretativas nos discursos aqui analisados.

## 2 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: Diário de São Paulo

*O Diário de S. Paulo (DSP)* foi um jornal impresso brasileiro de circulação regional, entre os anos 1929 e 1979, que fazia parte do conglomerado dos Diários Associados, fundado pelo jornalista Assis Chateaubriand em 1924. Segundo Teixeira (2014):

> O DSP era marcado pela intenção de Chateaubriand em firmar sua posição no campo jornalístico da imprensa paulista. De início, se valeria de inusitada campanha para divulgar seu lançamento: distribuição gratuita de 30 mil exemplares de suas edições diárias publicadas durante o primeiro mês de atividade, enviados, via correio, a pessoas de uma lista com nomes de empresários, industriais, pequenos e médios comerciantes: residentes no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. O DSP estava interligado com todo o interior paulista e o sul de Minas Gerais por meio de linhas telefônicas. (TEIXEIRA, 2010, p. 2)

O projeto idealizado por Chateaubriand se destacava pelo investimento em tecnologia e profissionais capazes de consolidar o grupo como referência em jornalismo. Ainda segundo Teixeira (2014), o jornal contratou, à época, serviços telegráficos da agência *United Press*, que por sua vez atendia publicações em países como Estados Unidos, França, Japão, Itália e Argentina, além de contar com colunas de personalidades como Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral e Millôr Fernandes.

O Diário de S. Paulo foi o responsável pela publicação, na década de 1940, do chamado 'Diário do Conde Ciano', dividido em capítulos que eram lançados separadamente a cada edição. O diário, segundo informações veiculadas no jornal, foi escrito pelo Conde Galeazzo Ciano, genro de Benito Mussolini, dias antes de sua execução, em 11 de Janeiro de 1944. Em todas as edições publicadas, o jornal informava que o conteúdo era exclusivo do Diário de S. Paulo, licenciado pela *'United Feature Syndicate'*, que possuía os direitos de publicação e tradução reservados em todo o mundo.

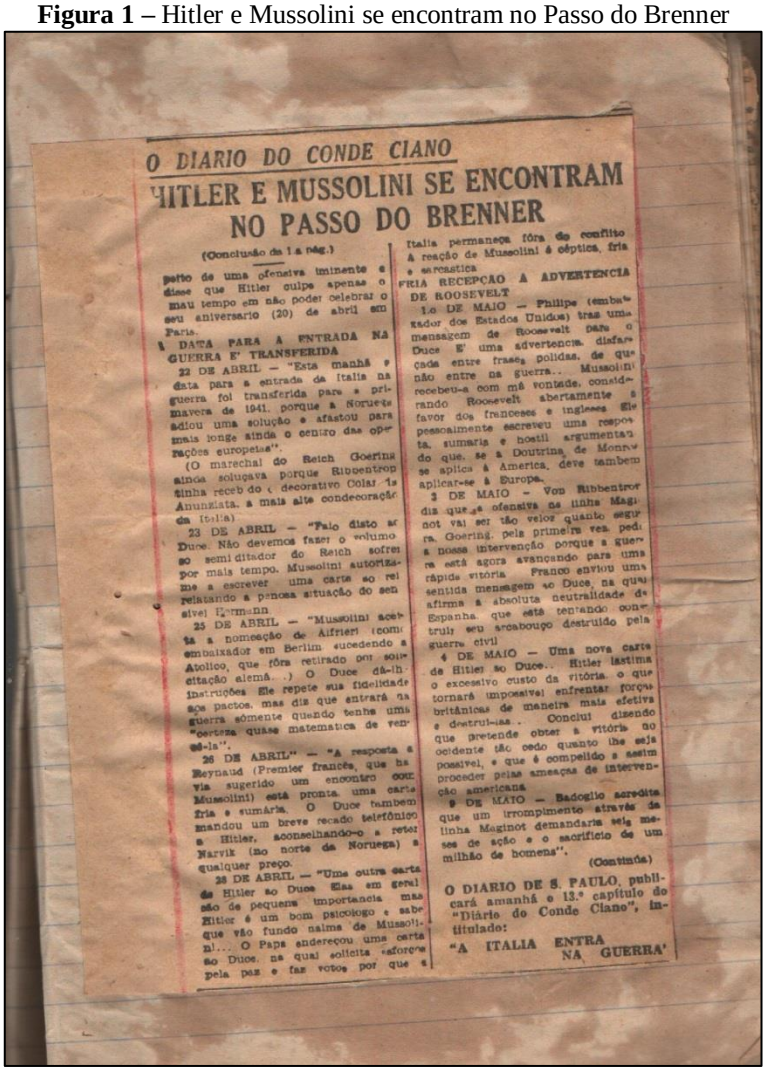
O acesso do presente trabalho à coluna do 'Diário do Conde Ciano', veiculada no Diário de S. Paulo, se deu por conta do trabalho de recorte e arquivo feito por Benedito Pereira. Todos os conteúdos relacionados à coluna foram recortados das edições do Diário de S. Paulo e colados em um caderno de escola. Benedito não escreveu, nas colagens, a data em que o trabalho foi feito, e nenhum membro vivo da família soube precisar ou estimar quando o arquivo foi finalizado.

Abaixo, serão analisados cinco recortes diferentes do Diário, que revelam informações a respeito da Segundo Guerra Mundial sob o ponto de vista da família de Benedito Mussolini,

em especial de seu genro, Conde Ciano, que no presente contexto atua como repórter, narrando acontecimentos sob um ponto de vista até então desconhecido por parte do público.

## 2.1 HITLER E MUSSOLINI SE ENCONTRAM NO PASSO DO BRENNER

**Figura 1 –** Hitler e Mussolini se encontram no Passo do Brenner



O DIARIO DO CONDE CIANO

HITLER E MUSSOLINI SE ENCONTRAM NO PASSO DO BRENNER

(Conclusão da 1 a pág.)

petio de uma ofensiva iminente e disse que Hitler culpe apenas o mau tempo em não poder celebrar o seu aniversario (20) de abril em Paris.

DATA PARA A ENTRADA NA GUERRA E' TRANSFERIDA

22 DE ABRIL — "Esta manhã a data para a entrada da Italia na guerra foi transferida para a primavera de 1941, porque a Noruega adiou uma solução e afastou para mais longe ainda o centro das operações europeias".

(O marechal do Reich Goering ainda soluçava porque Ribbentrop tinha recebido o decorativo Colar da Anunziata, a mais alta condecoração da Itália).

23 DE ABRIL — "Falo disto ao Duce. Não devemos fazer o soluno so semi ditador do Reich sofrer por mais tempo. Mussolini autorizame a escrever uma carta ao rei relatando a penosa situação do sensivel Hermann.

25 DE ABRIL — "Mussolini aceita a nomeação de Alfrieri (como embaixador em Berlim sucedendo a Atolico, que fôra retirado por solicitação alemã...) O Duce dá-lhe instruções. Ele repete sua fidelidade aos pactos, mas diz que entrará na guerra sòmente quando tenha uma "certeza quase matematica de vencê-la".

26 DE ABRIL" — "A resposta a Reynaud (Premier francês, que havia sugerido um encontro com Mussolini) está pronta, uma carta fria e sumária. O Duce tambem mandou um breve recado telefônico a Hitler, aconselhando-o a reter Narvik (no norte da Noruega) a qualquer preço.

28 DE ABRIL — "Uma outra carta de Hitler ao Duce. Elas em geral são de pequena importancia, mas Hitler é um bom psicologo e sabe que vão fundo na alma de Mussolini!... O Papa endereçou uma carta ao Duce, na qual solicita esforços pela paz e faz votos por que a Italia permaneça fóra do conflito. A reação de Mussolini é céptica, fria e sarcastica.

FRIA RECEPÇÃO A ADVERTENCIA DE ROOSEVELT

1o DE MAIO — Philipe (embaixador dos Estados Unidos) traz uma mensagem de Roosevelt para o Duce. E' uma advertencia disfarçada entre frases polidas, de que não entre na guerra... Mussolini recebeu-a com má vontade, considerando Roosevelt abertamente a favor dos franceses e inglezes. Ele pessoalmente escreveu uma resposta, sumaria e hostil, argumentando que, se a Doutrina de Monroe se aplica à America, deve tambem aplicar-se à Europa.

2 DE MAIO — Von Ribbentrop diz que a ofensiva na linha Maginot vai ser tão veloz quanto segura. Goering, pela primeira vez, pede a nossa intervenção, porque a guerra está agora avançando para uma rápida vitória. Franco enviou uma sentida mensagem ao Duce, na qual afirma a absoluta neutralidade da Espanha, que está tentando construir seu arcabouço destruido pela guerra civil.

4 DE MAIO — Uma nova carta de Hitler ao Duce.. Hitler lastima o excessivo custo da vitória, o que tornará impossivel enfrentar forças britânicas de maneira mais efetiva e destruí-las.. Conclui dizendo que pretende obter a vitória no ocidente tão cedo quanto lhe seja possivel, e que é compelido a assim proceder pelas ameaças de intervenção americana.

9 DE MAIO — Badoglio acredita que um irrompimento através da linha Maginot demandaria seis meses de ação e o sacrificio de um milhão de homens".

(Continúa)

O DIARIO DE S. PAULO, publicará amanhã o 13.º capítulo do "Diário do Conde Ciano", intitulado:

"A ITALIA ENTRA NA GUERRA'

**Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal).**

O relato feito por Ciano neste capítulo do diário parece anteceder a entrada da Itália na Guerra. Um dos primeiros elementos que se destacam no texto e podem ser usados para ressaltar ao leitor a proximidade do repórter com o fato é o trecho entre parênteses dos acontecimentos de 22 de abril, que dizem que *"(O marechal do Reich, Goering, ainda soluçava porque Ribbentrop tinha recebido o decorativo Colar de Anunziata, a mais alta condecoração da Itália)"*. Pouco mais adiante, em 25 de abril, é interessante observar o

tempo verbal em que a narrativa é feita. *"(...) O Duce dá-lhe instruções. Ele repete sua fidelidade aos pactos, mas diz que entrará na guerra somente quando tenha uma 'certeza quase matemática de vencê-la'"*.

Observa-se que, entre o primeiro dia narrado no capítulo, que é o de 22 de abril, e o último dia, que é o dia 9 de maio, a tensão escalona propositalmente, conduzindo o leitor pelos dias e pelos acontecimentos que antecederam a entrada oficial da Itália na Guerra.

Ao final da publicação, em uma nota de roda pé, a edição anuncia: *"O Diário de S. Paulo publicará amanhã o 13º Capítulo do 'Diário do Conde Ciano', intitulado 'A ITÁLIA ENTRA NA GUERRA'"*, criando assim um interesse e uma expectativa no leitor de encontrar, na próxima edição, mais momentos cruciais que culminaram na Segundo Guerra Mundial, sob a perspectiva de dentro dos principais personagens do conflito.

## 2.2 O DULCE É AVISADO QUE A ITÁLIA ESTÁ Á BEIRA DA BANCARROTA

**Figura 2 –** O Dulce é avisado que a Itália está á beira da Bancarrota

O DIARIO DO CONDE CIANO

O DUCE E' AVISADO QUE A ITALIA ESTA' A' BEIRA DA BANCARROTA

(Conclusão da 1a pág.)

nos empregando uma liberalidade inteligente para com eles. Mas, tarde, então, pensaremos em apertar as redeas".

*O pai do conde Ciano, faleceu na terça-feira, dia 27 de Junho de 1939, aos 62 anos de idade. Por uma semana, as notas constantes do "diario", tratam exclusivamente da morte e do enterro do velho Constanzo, e carecem de interesse.*

CONSTANZO CIANO SUCESSOR DE MUSSOLINI

JULHO, 3 — "Esta manhã, o Duce me entregou um documento que se achava em poder do meu pai desde novembro de 1926. Uma carta na qual Mussolini o havia nomeado seu successor e lhe dava instruções, para a eventualidade do seu desapparecimento. A situação internacional tornou-se confusa por causa de Dantzig. Continuo calmo. Creio que é rebate falso. O pior, é que os alemães não disseram uma só palavra sobre o assunto".

JULHO, 5 — "O grego Metaxas (ministro grego em Roma) fez uma visita de cortesia. Deve ter ficado entusiasmado com o meu modo de recebê-lo".

JULHO, 7 — "Como um bom embaixador, novato na prática de lidar com os fascistas, Percy Loraine fez um enorme espalhafato, somente porque quis entregar pessoalmente uma mensagem de Chamberlain. A mensagem não tem absolutamente valor especial; uma especie de timidas acusações sobre as pretensões alemãs em Dantzig. O Duce retrucou ponto por ponto. Alguns dos seus argumentos foram brilhantissimos, tal como o de que a Polonia era o último país do mundo que poderia falar sobre a Checoslovaquia, porque fora a Polonia que havia desfechado um golpe mortal, quando a Checoslovaquia já estava no chão" (alude à provincia de Teschen anexada pela Polonia). O Duce pôs termo à entrevista, dizendo duas vezes: "Diga a Chamberlain que se a Inglaterra está decidida a lutar em defesa da Polonia, a Italia pagará em armas em favor da sua aliada, a Alemanha". Percy Loraine, quasi não abriu a boca durante a conferencia.

*Entre 9 e 19 de Julho, o Conde Ciano esteve na Espanha. As anotações do seu "diario", foram reiniciadas no dia da sua volta, com uma nota segundo a qual Mussolini pretende se avistar com Hitler no dia 4 de agosto.*

JULHO, 19 — "Precisamos preparar-lo com cuidado (o encontro Hitler-Mussolini). Uma vez que é necessario retardar o mais possivel os planos de guerra, ele (Mussolini) poderia sugerir ao Fuehrer a idéia de uma conferencia internacional propos. Ou as democracias concordam em tomar lugar à mesa redonda, onde acabarão fazendo consideraveis concessões, ou recusarão e, neste caso, teremos a vantagem de termos sido a iniciativa em prol da paz. Attolico (embaixador em Berlim) ainda muito preocupado e deixou entrever que está iminente nova e grave crise.

JULHO, 20 — "Attolico informa que os alemães estão se preparando para desfechar o golpe contra Dantzig no dia 14 de Agosto. Pela primeira vez, Caruso anuncia de Praga que se registam movimentos em grande escala. E' possivel que tudo isto esteja ocorrendo sem que o saibamos? Por ordem do Duce apresentei hoje um ultimatum ao "Osservatore Romano" (orgão do Vaticano). Ou ele cessa sua sutil propaganda contra o Eixo, ou proibiremos sua circulação."

JULHO, 22 — "O Duce elaborou um programa de recepção para o encontro do Passo do Brenner. O programa tem por base uma proposta para uma conferencia internacional. Concordo com o seu projeto, porque se semeará confusão e dissenção no campo inimigo, onde já se ergueram muitas vozes contrarias á guerra."

JULHO, 26 — "Falei pelo telefone com Magistrati, sobre sua conversação com Ribbentrop. Ele é contrario à proposta sobre a conferencia internacional. Prometeu falar ao Fuehrer sobre o caso, mas, desde já se pode deduzir que nada sairá de tudo, isso. Talvez fosse melhor adiar o encontro." (Hitler-Mussolini).

ENGANADO PELOS NAZISTAS, CIANO NÃO ACREDITA EM GUERRA

JULHO, 27 — "Sinto que Attolico está errado. Mais uma vez Ribbentrop confirma a decisão da Alemanha de evitar a guerra, durante um longo periodo de tempo. Quem sabe?

JULHO, 28 — "O Duce resolveu adiar o encontro com Hitler. Acho que fez muito bem. Telefonei ao Attolico, que ainda continua nos enganando. O embaixador sem trabalho. Bado bem, mas, deixo-me contaminar pelo panico de guerra."

JULHO, 31 — "Hitler decidiu, pessalmente, o adiamento do encontro no Passo do Brenner."

O DIARIO DE S. PAULO publicará amanhã o 6.o Capitulo, intitulado: "RIBBENTROP REVELA: HAVERA' GUERRA!".

**Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal).**

O capítulo em questão narra o momento em que morre o pai do Conde Ciano. Entre os principais destaques estão o uso de primeira pessoa e a inclusão de percepções pessoais do autor logo no início do capítulo, em 3 de julho, no trecho *"(...) a situação internacional tornou-se confusa por causa de Dantzig. Continuo calmo. Creio que é rebate falso. O pior é que os alemães não disseram uma só palavra sobre o assunto."*

O episódio também insere, na narrativa construída por Ciano, informações posteriores à redação do diário. Em nota no pé da coluna, a edição do jornal informa ao leitor que *"entre 9 e 19 de Julho, o Conde Ciano esteve na Espanha. As anotações do seu 'diário' foram reiniciadas no dia de sua volta, com uma nota segundo a qual Mussolini pretende se avistar com Hitler no dia 4 de agosto."*

O uso de aspas na palavra 'diário' chama atenção, assim como o uso do discurso indireto para informar um acontecimento que, aparentemente, foi redigido pelo autor do restante da narrativa, abrindo espaço para diferentes interpretações a respeito do motivo das aspas.

Do ponto de vista jornalístico, pode ser considerado meramente um recurso de edição para evitar que informações consideradas irrelevantes tomassem o espaço do restante, em um contexto em que o número de caracteres e o espaço disponível no jornal eram vitais ao editar um conteúdo. Mas há que se ressaltar a abertura que o trecho dá para que diferentes leitores façam diferentes interpretações, alterando assim a maneira como interpretam também o final do capítulo, em que o autor deixa clara a desconfiança em relação aos alemães, no trecho de 27 de julho.

*"27 de Julho – noto que Attolico está errado. Mais uma vez Ribbentrop confirma a decisão da Alemanha de evitar a guerra, durante um longo período de tempo. Quem sabe?"*

## 2.3 MUSSOLINI NÃO ACREDITA NO ATENTADO CONTRA HITLER

**Figura 3 –** Mussolini não acredita no atentado contra Hitler

O DIARIO DO CONDE CIANO

Mussolini não acredita no atentado contra Hitler

CAPITULO IX

De 6 de outubro a 5 de dezembro de 1939

O atentado da "Bomba de Munich", contra Hitler, em 1939, foi apenas uma trama da Gestapo, destinada a aumentar o sentimento anti-britanico na Alemanha, ou então um simples negocio de familia, cujas origens datam da época do expurgo sangrento de 1934 — segundo anota o Conde Ciano, nas paginas do seu "Diario", 24 horas depois de ocorrido.

Ele retrata o Duce fazendo ingentes esforços para redigir um telegrama ao Fuehrer, que deveria ser calorôso... mas, não muito. Escreve o Conde Ciano que nenhum italiano e, muito menos Mussolini, ficou satisfeito pelo fato de Hitler ter escapado ileso.

São estas as notas do "diario": "OUTUBRO, 6 — "O Duce mantive cordial palestra com von Mackensen e disse que os preparativos bélicos da Italia, prosseguem satisfatoriamente. Se a guerra vier, na próxima primavera ele já poderá dar e não pedir auxilio.

OUTUBRO, 9 — "Nunca vi o Duce tão desanimado como hoje. "Os italianos — disse ele — ouviram durante 18 anos, minha propaganda guerreira. Agora, com a Europa em chamas, eles não podem compreender como eu me arvorei em arauto da paz. Não há outra explicação, senão nossa falta de preparação militar. Entretanto, até porisso, sou responsavel. Eu, que sempre proclamei o poderio das nossas forças armadas"

OUTUBRO, 12 — "Bombelles (enviado do lider croata Machek) enviou interessante relatorio sobre a situação na Croacia. A agitação é forte e o dinheiro que remetemos a intensificou a ponto de terem surgido incidentes entre croatas mobilizados e oficiais servios".

OUTUBRO, 13 — "O discurso de Chamberlain fez com que naufragassem as esperanças dos mais inveterados pacifistas".

N. da R. — Referencia ao discurso do Primeiro Ministro britanico, no qual Chamberlain declarou que a Inglaterra se recusa a aceitar uma paz baseada no "reconhecimento das conquistas de Hitler e do seu direito de fazer o que bem entender com os conquistados".

OUTUBRO, 15 — "O Duce me disse hoje que não há possibilidade de podermos entrar na guerra antes de Junho ou Julho do ano próximo. Mesmo então, deveremos dispôr de abastecimentos para três meses. Mussolini ficou muito preocupado com certos documentos sobre a Russia, que chegaram às nossas mãos. Ele pretende lançar uma campanha pela imprensa, destinada a explicar aos italianos que o bolcheviamo morreu e que, em seu lugar surgiu um fascismo paneslavo. Procurei disuadi-lo disso. Aliado com a Russia, é uma pouco que os italianos não haverão facilmente aceitado, e só foi servido cair odio ainda mais".

Grã Bretanha assinaram, hoje, um acordo. Não me desagrada porque quem perde na questão, é a Alemanha. Parece que vai haver mudança no governo".

OUTUBRO, 23 — "O Duce pretende enviar uma carta a Hitler, ponderando que a Italia constitue uma reserva econômica e moral para a Alemanha e que ela, mais tarde, desempenhará tambem um papel de carater militar. Não vejo razão alguma para o envio desse documento".

CIANO AINDA ESPERA CORTAR OS LAÇOS COM O REICH

OUTUBRO, 26 — "Aproveitando-me do estado de espirito do Duce, procurarei fazer um discurso, que deverá atingir diretamente o alvo visado e estar finalmente um fosso entre nós e os alemães. O Duce disse nesse momento que Hitler estava cavando sua propria ruina. Armas nas mãos do povo e poder não mais dos oficiais, constituem condições

(Conclusão da 1.a pág.)

positivamente desfavoraveis a uma ditadura".

N. da R. — O discurso unipermanico de Ciano, foi proferido somente a 16 de Dezembro perante a Camara dos Fascios e Corporações, mas, não causou fôsso nenhum entre italianos e alemães.

OUTUBRO, 28 — "O aniversario da "Marcha sobre Roma" não teve repercussão e faltou-lhe entusiasmo. Se hoje ele, quem está mais aborrecido é Mussolini. Ele acha que os acontecimentos italiam não somente nossas esperanças, mas tambem nossos processos.

NOVEMBRO, 1 — "Murmura-se por aí, que o novo ministerio está sendo apelidado de "gabinete Ciano".

NOVEMBRO, 7 — "A fricção relativa à Polonia, não é de molde a melhorar nossas relações com Berlim. Ribbentrop, porem, tambem continua di... que a Inglaterra só entrou na guerra, porque foi informada a tempo... Italia permanecerá ... a neutra..."

NOVEMBRO, 8 — "O Duce ficou ... com o que lhe disse ... sobre a propaganda ... para o alcoolismo ... e disse que a pressa ... de pôrse ser dotica, ainda ... a Alemanha e que o mundo ... pertencerá aos dois ... que não se deve ... a ... que ... por ... um grande ... ganho a ...

O ATENTADO DE MUNICH NÃO E' LEVADO A SERIO

NOVEMBRO, 9 — "O atentado contra a vida de Hitler, em Munich, deixou todo mundo cético. Mussolini é o mais cético de todos. Ou se trata de um golpe de mestre da policia, destinado a galvanizar o odio popular contra a Inglaterra, ou se trata de um negocio de familia, que só interessa aos que vivem dentro da gema do nosso ovo. Talvez um remanescente de 30 de junho. (Referência ao expurgo sangrento de 30 de Junho de 1934) ainda não esquecido em Munich.

O Duce trabalhou ardusamente para redigir um telegrama, expressando satisfação pela conjuração do perigo. Ele desejava ser caloroso, mas... não muito. Ele sabia que nenhum italiano sentiu jubilo pelo fato do Fuehrer ter escapado. E ele, muito menos".

NOVEMBRO, 11 — "Intensificam-se os rumores de que os alemães vão invadir a Belgica e a Holanda. Devo diser duas coisas: Nada me foi informado de Berlim. Além disso, Hitler e Ribbentrop sempre nie disseram que não haveria ataques aos neutros, por motivos tecnicos e morais."

NOVEMBRO, 20 — "Noticias de Praga nos levam a crer que a situação é mais critica do que querem admitir oficialmente. O Duce está satisfeito, particularmente, porque ele acha que uma crise na Bohemia, retardará ou, talvez, anulará a projetada ofensiva na frente ocidental. A idéia de Hitler guerreando e, o que é pior, vencendo, lhe é positivamente insuportavel".

NOVEMBRO, 26 — "Em Dresden, o Blandhalter, disse, depois de um banquete ao qual compareceu nosso consul, que a Alemanha receia mais os amigos capazes de trair, do que os proprios inimigos. Von Mackensen (embaixador em Roma) apresentou desculpas e disse que o referido funcionario, possivelmente não estaria muito "inocente" depois do banquete. Mussolini está indignado".

NOVEMBRO, 28 — "Aumenta a

**Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal).**

O capítulo em questão se destaca por mostrar Benito Mussolini em um empasse envolvendo justamente questões linguísticas. Primeiramente, é importante ressaltar a diferença no uso do recurso da linha fina na edição do Diário de S. Paulo e nos veículos atuais. No texto aqui analisado, a linha fina é utilizada para inserir informações de contexto no qual o restante da narrativa se desenvolve. O empasse se caracteriza de forma explícita no trecho *"Ele retrata o Duce fazendo ingentes esforços para redigir um telegrama ao Füehrer, que deveria ser caloroso... mas, não muito. Escreve o Conde Ciano que nenhum italiano, e muito menos Mussolini, ficou satisfeito pelo fato de Hitler ter escapado ileso."*

Outro destaque do trecho aqui analisado é a aparição de mais percepções pessoais do genro de Mussolini a respeito da iminência da Segunda Guerra Mundial. Em 25 de Outubro, o Conde alega que *"O Duce pretende enviar uma carta a Hitler, ponderando que a Itália constitue uma reserva econômica e moral para a Alemanha e que ela, mais tarde,*

*desempenhará também um papel de caráter militar. Não vejo razão nenhuma para o envio desse documento.”*

O capítulo em questão, de forma geral, cria para o leitor um panorama dos bastidores da guerra que, até então e principalmente considerando as limitações tecnológicas da época, pareciam inalcançáveis para os espectadores do conflito, na mesma medida em que escancaram as condições políticas em que a Guerra teve início.

## 2.4 OS GENERAIS DE HITLER ADMITEM O FRACASSO NA RÚSSIA

**Figura 4 –** Os generais de Hitler admitem o fracasso na Rússia

Os generais de Hitler admitem o fracasso na Russia

CAPITULO XXI

De 1 de novembro a 2 de dezembro de 1941

Uma estranha reunião nunca noticiada anteriormente, ocorreu no quartel general de Hitler na frente oriental, em novembro de 1941, na qual os principais comandantes do exército decidiram que a guerra na União Soviética era "asneira pura" e que o "fuehrer" estava conduzindo a Alemanha para a ruina — é revelada no "diario" secreto do genro de Mussolini.

Ninguem, disse Ciano, foi capaz de vencer o medo de levar a Hitler estas conclusões.

O registo de sua visita incluiu chocantes referencias ao estado de desnutrição entre os prisioneiros russos e à displicente historia de Goering de que era necessaria apenas colocar uma cozinha de campanha à frente de uma coluna para conduzi-la aos campos de concentração no interior do Reich.

Na vespera de serem conduzidos à guerra com os Estados Unidos, os italianos estavam debatendo a necessidade de obter meio milhão de toneladas de trigo da Alemanha.

Diario Ciano:

NOVEMBRO, 1 — "Chegou uma carta de Hitler... O que atraiu a atenção de Mussolini, mais do que qualquer outra coisa, foi que o "fuehrer" quase nada disse sobre nossas tropas... Ele está, evidentemente, preocupado a respeito do pais... Temo desembarques inglezes na Corsega, Sicilia e Sardenha, e ele ecoa nos toda a sua ajuda, a partir de hoje, na linguagem de um homem que não sabe o que um golpe britânico bem sucedido poderia ocasionar sobre nós".

NOVEMBRO, 5 — "Cavallero (chefe do estado-maior) fala sobre a vinda do marechal Kesselring (comandante alemão nos dias finais da luta na Italia), para a Italia. Ele assumiria o comando de forças militares que ficam no sul da Italia e nas ilhas, o que quer dizer todas as forças de combate.

Mussolini aceitou a situação. Ele sabe o que isto significa, dentro do quadro geral da guerra e dentro do país, mas recebe o golpe como um bom jogador e procede como se não o incomodasse".

OS GENERAIS PROCURAM UMA SAIDA

"Anna Maria Bismarck (esposa do ministro nazista) contou a Anfuso (secretario de Ciano), que, quando o general Rintelin (chefe da missão militar alemã na Italia) foi ver o "fuehrer" na frente oriental, tinha sido abordado pelos marechais e generais alemães, e então uma espécie de reunião se realizou.

Durante a reunião, eles lhe sugeriram um meio de ponderar a Hitler que a condição da guerra na Russia era asneira pura, que o exército alemão se estava consumindo, que não poderia se aguentar e que ele estava conduzindo a Alemanha para a beira da ruina. Parece que esta é a opinião unânime dos generais militares, mas nenhum deles ousa dizê-lo a Hitler. Rintelin também teve a cautela de não lhe dizer".

NOVEMBRO, 8 — "As cifras enviadas por nota embalada em Washington sobre a produção de guerra americana impressionam Mussolini, que pediu que um quadro comparativo fosse feito com os primeiros meses. O crescimento é tremendo.

Parece que von Plessen (funcionario nazista) perguntou ultimamente a uma dama ao jantar: "Quando começará a revolução na Italia?" A dama respondeu calmamente: "Como o senhor sabe, sempre seguimos atrás dos alemães em tudo. A revolução terá lugar depois que acontece em seu país". Que atmosfera similar está".

OS COMBOIOS E OS COMUNICADOS ITALIANOS

NOVEMBRO, 9 — "Desde 19 de setembro que destituimos de munições comboios para a Líbia. Tentamos esta noite de novo. Um comboio de seis navios partiu com dois cruzadores e dez destróyers... Um encontro ocorreu, com resultados inexplicáveis. Todos — mas todos mesmo — os nossos navios foram destruídos, e talvez mais dois ou três destróyers... Não temos o direito de nos ofender se Hitler mandar Kesselring como comandante do sul".

NOVEMBRO, 11 — "Mussolini está exasperado e atribue este estado que com cruzas de Spalato, que ainda bombas sobre os nossos soldados. Eu também vou inicia o sistema de reféns — diz ele — Darei ordens no sentido de que para cada um de nossos homens que seja ferido, dois deles devem ser fuzilados e para cada um morto, vinte deles". Mas ele sabe que não o fará".

NOVEMBRO, 12 — "Aproveitando algumas informações incertas, foi redigido um comunicado que atribui o afundamento de dois navios de cinco mil toneladas ao submarino "Malaspina". No que se refere a afundamentos reais, o único foi o do submarino italiano que se acha desaparecido há dez dias. O assistente chefe do estado-maior, almirante Bassanetti, tomou de seu lugar e aumentou as dez mil tone-

OS GENERAIS DE HITLER ADMITEM O FRACASSO NA RUSSIA

**Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal).**

O trecho em questão aborda o período de 1941 e as batalhas travadas na frente oriental da Guerra. A ressalva dos generais alemães em contarem a Hitler o fracasso na fronteira russa é um fato histórico amplamente conhecido, mas o trecho traz detalhes a respeito do embate entre os exércitos que são menos contemplados nas narrativas conhecidas.

Em 24 de novembro, Ciano alega que:

> Goering era impressionante enquanto falava dos russos que comiam uns aos outros e que também tinham comido um guarda alemão num campo de prisioneiros. Ele falava com aparentemente indiferença. Entretanto, ele é humano. Lágrimas vieram aos seus olhos quando falou de Udet e Moelders (alemães cuja morte foi anunciada como ‘acidental’) que haviam desaparecido há pouco...

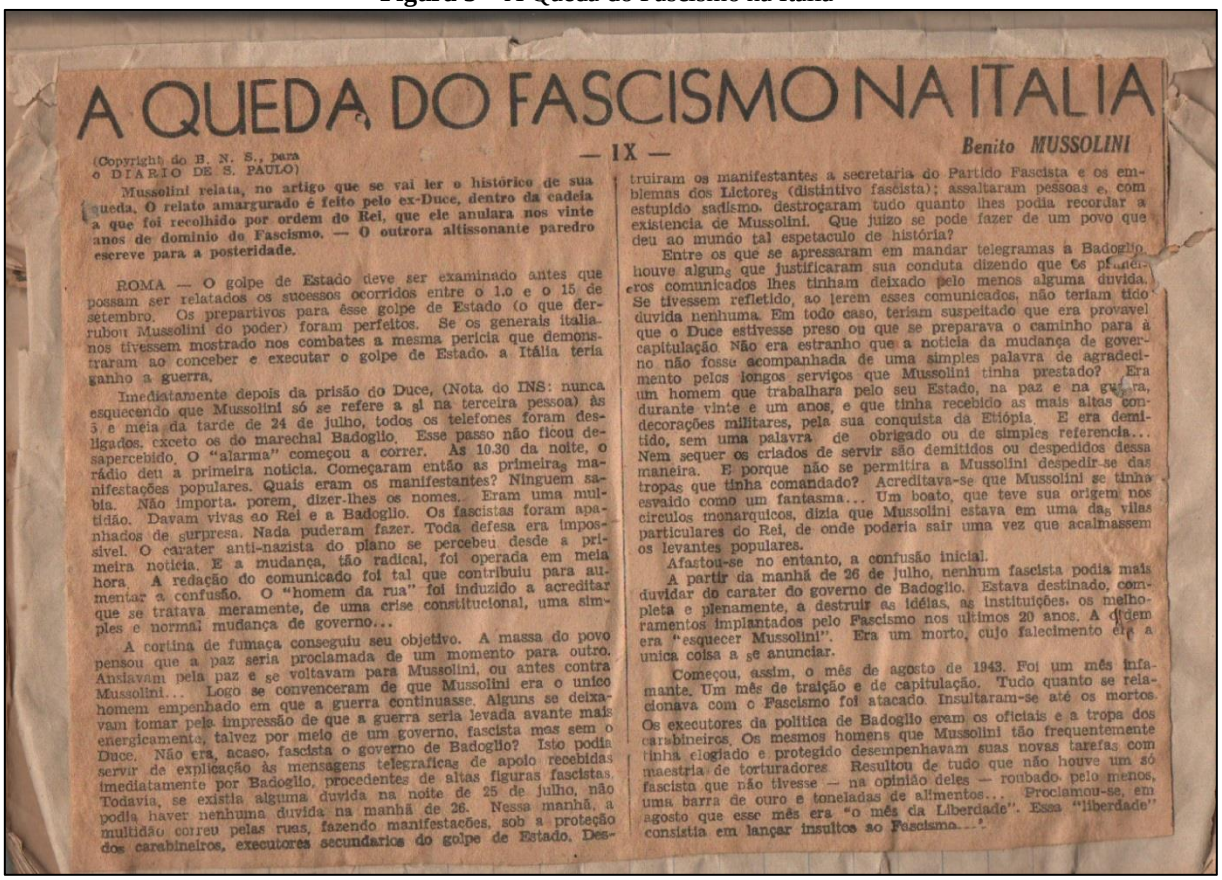
O trecho acima ressaltado traz um aspecto interessante, que é a narrativa da narrativa. Ciano inicia o texto alegando que o locutor da informação que viria a seguir era impressionante, e descreve como ‘fria’ a maneira que ele descrevia uma situação de canibalismo entre o exército rival. Contudo, o mesmo locutor considerado ‘frio’ demonstra, segundo o repórter, alguma emoção quando fala sobre a morte de soldados do próprio exército.

A forma como o autor ressalta características específicas para duas situações de morte diferentes evidencia um discurso que, apesar de não-escrito, deixa clara a opinião do autor sobre o locutor.

É possível compreender, pela escolha de palavras e construção de contexto empreendida nesse trecho, que a forma como Goering se expressava a respeito da morte de cidadãos de outras nações deixou o autor impressionado, no sentido apreensivo da expressão. Nesse contexto, o uso da expressão ‘entretanto, ele é humano’, que surge logo em seguida, também pode ser entendida como uma tentativa de amenizar os próprios sentimentos, além de carregar uma ironia sutil, quase imperceptível aos olhos do leitor.

## 2.5 A QUEDA DO FASCISMO NA ITÁLIA

**Figura 5 –** A Queda do Fascismo na Itália



A QUEDA DO FASCISMO NA ITALIA

— IX —

Benito MUSSOLINI

(Copyright do B. N. S., para o DIARIO DE S. PAULO)

**Mussolini relata, no artigo que se vai ler o histórico de sua queda. O relato amargurado é feito pelo ex-Duce, dentro da cadeia a que foi recolhido por ordem do Rei, que ele anulara nos vinte anos de dominio do Fascismo. — O outrora altissonante paredro escreve para a posteridade.**

ROMA — O golpe de Estado deve ser examinado antes que possam ser relatados os sucessos ocorridos entre o 1.o e o 15 de setembro. Os prepartivos para êsse golpe de Estado (o que derrubou Mussolini do poder) foram perfeitos. Se os generais italianos tivessem mostrado nos combates a mesma pericia que demonstraram ao conceber e executar o golpe de Estado, a Itália teria ganho a guerra.

Imediatamente depois da prisão do Duce, (Nota do INS: nunca esquecendo que Mussolini só se refere a si na terceira pessoa) às 5 e meia da tarde de 24 de julho, todos os telefones foram desligados, exceto os do marechal Badoglio. Esse passo não ficou desapercebido. O "alarma" começou a correr. Às 10.30 da noite, o rádio deu a primeira noticia. Começaram então as primeiras manifestações populares. Quais eram os manifestantes? Ninguem sabia. Não importa, porem, dizer-lhes os nomes. Eram uma multidão. Davam vivas ao Rei e a Badoglio. Os fascistas foram apanhados de surpresa. Nada puderam fazer. Toda defesa era impossivel. O carater anti-nazista do plano se percebeu desde a primeira noticia. E a mudança, tão radical, foi operada em meia hora. A redação do comunicado foi tal que contribuiu para aumentar a confusão. O "homem da rua" foi induzido a acreditar que se tratava meramente, de uma crise constitucional, uma simples e normal mudança de governo...

A cortina de fumaça conseguiu seu objetivo. A massa do povo pensou que a paz seria proclamada de um momento para outro. Ansiavam pela paz e se voltavam para Mussolini, ou antes contra Mussolini... Logo se convenceram de que Mussolini era o unico homem empenhado em que a guerra continuasse. Alguns se deixavam tomar pela impressão de que a guerra seria levada avante mais energicamente, talvez por meio de um governo, fascista mas sem o Duce. Não era, acaso, fascista o governo de Badoglio? Isto podia servir de explicação às mensagens telegraficas de apoio recebidas imediatamente por Badoglio, procedentes de altas figuras fascistas. Todavia, se existia alguma duvida na noite de 25 de julho, não podia haver nenhuma duvida na manhã de 26. Nessa manhã, a multidão correu pelas ruas, fazendo manifestações, sob a proteção dos carabineiros, executores secundarios do golpe de Estado. Destruiram os manifestantes a secretaria do Partido Fascista e os emblemas dos Lictores (distintivo fascista); assaltaram pessoas e, com estupido sadismo, destroçaram tudo quanto lhes podia recordar a existencia de Mussolini. Que juizo se pode fazer de um povo que deu ao mundo tal espetaculo de história?

Entre os que se apressaram em mandar telegramas a Badoglio houve alguns que justificaram sua conduta dizendo que os primeiros comunicados lhes tinham deixado pelo menos alguma duvida. Se tivessem refletido, ao lerem esses comunicados, não teriam tido duvida nenhuma. Em todo caso, teriam suspeitado que era provavel que o Duce estivesse preso ou que se preparava o caminho para a capitulação. Não era estranho que a noticia da mudança de governo não fosse acompanhada de uma simples palavra de agradecimento pelos longos serviços que Mussolini tinha prestado? Era um homem que trabalhara pelo seu Estado, na paz e na guerra, durante vinte e um anos, e que tinha recebido as mais altas condecorações militares, pela sua conquista da Etiópia. E era demitido, sem uma palavra de obrigado ou de simples referencia... Nem sequer os criados de servir são demitidos ou despedidos dessa maneira. E porque não se permitira a Mussolini despedir-se das tropas que tinha comandado? Acreditava-se que Mussolini se tinha esvaido como um fantasma... Um boato, que teve sua origem nos circulos monarquicos, dizia que Mussolini estava em uma das vilas particulares do Rei, de onde poderia sair uma vez que acalmassem os levantes populares.

Afastou-se no entanto, a confusão inicial.

A partir da manhã de 26 de julho, nenhum fascista podia mais duvidar do carater do governo de Badoglio. Estava destinado, completa e plenamente, a destruir as idéias, as instituições, os melhoramentos implantados pelo Fascismo nos ultimos 20 anos. A ordem era "esquecer Mussolini". Era um morto, cujo falecimento ele a unica coisa a se anunciar.

Começou, assim, o mês de agosto de 1943. Foi um mês infamante. Um mês de traição e de capitulação. Tudo quanto se relacionava com o Fascismo foi atacado. Insultaram-se até os mortos. Os executores da politica de Badoglio eram os oficiais e a tropa dos carabineiros. Os mesmos homens que Mussolini tão frequentemente tinha elogiado e protegido desempenhavam suas novas tarefas com maestria de torturadores. Resultou de tudo que não houve um só fascista que não tivesse — na opinião deles — roubado pelo menos, uma barra de ouro e toneladas de alimentos... Proclamou-se, em agosto que esse mês era "o mês da Liberdade". Essa "liberdade" consistia em lançar insultos ao Fascismo...

**Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal).**

O último conteúdo do Diário de S. Paulo analisado também aborda o final da Segunda Guerra Mundial e traz o relato íntimo do genro do Duce a respeito da queda do regime fascista na Itália. Logo no início do texto, uma nota da redação esclarece que o relato apresentado foi redigido pessoalmente por Mussolini, *"que nunca esquecendo, só se refere a si na terceira pessoa"*.

Além do alerta para costumes linguísticos próprios do autor do texto, a nota da edição também busca inserir o leitor no momento da redação do texto através da narrativa detalhada do momento em que se deu a escrita do texto:

> Imediatamente após a prisão do Duce (Nota do INS: nunca esquecendo que Mussolini só se refere a si mesmo em terceira pessoa) ás 5 e meia da tarde de 24 de julho, todos os telefones foram desligados, exceto o do Marechal Badoglio. Esse passo não ficou desapercebido. O "alarma" começou a correr. As 10.30 da noite, o rádio deu a primeira notícia. Começaram então as primeiras manifestações populares. Quem eram os manifestantes? Ninguém sabe. Não importa, porem, dizer-lhe os nomes. Eram uma multidão. Davam vivas ao Rei e a Badoglio. Os fascistas

> foram apanhados de surpresa. Nada puderam fazer. Toda defesa era impossível. O caráter anti-nazista do plano se percebeu desde a primeira notícia. E a mudança, tão radical, foi operada em meia hora. A redação do comunicado foi tal que contribuiu para aumentar a confusão. O "homem da rua" foi induzido a acreditar que se tratava meramente, de uma crise constitucional, uma simples e normal mudança de governo... A cortina de fumaça conseguiu seu objetivo. (DSP, ano desconhecido. Texto atribuído a Benito Mussolini, em 1943)

Além de carregar o leitor para dentro do momento em que se deu a queda do fascismo na Itália, o texto também possui capacidade de levar o leitor para dentro da mente de Mussolini.

> Começou, assim, o mês de agosto de 1943. Foi um mês infante. Um mês de traição e capitulação. Tudo quanto se relacionava com o Fascismo foi atacado. Insultaram-se até os mortos. Os executores da política de Badoglio eram os oficiais e as tropas dos carabineiros. Os mesmos homens que Mussolini tão frequentemente tinha elogiado e protegido desempenhavam suas novas tarefas com maestria de torturadores. Resultou de tudo que não houve um só fascista que tivesse – na opinião deles – roubado pelo menos uma barra de ouro e toneladas de alimentos... Proclamou-se, em agosto, que esse mês era o 'Mês da Liberdade'. Essa liberdade consistia em lanças insultos ao Fascismo... (DSP, ano desconhecido. Texto atribuído a Benito Mussolini, em 1943)

É importante salientar que não apenas o discurso mostra como se deu a prisão do Duce e os desdobramentos dela, mas também evidencia a percepção que Mussolini tinha de si mesmo e de seu governo naquele momento.

O texto mostra que o Duce se enxergava como um líder injustiçado e traído pelo próprio povo, apesar da situação complicada em que, sabidamente, se encontrava o país dentro e fora do campo de batalha ao final da Segunda Guerra Mundial.

## 2.6 ENTREVISTA COM VALTER MENGELLE

A entrevista aqui transcrita foi realizada com o objetivo de entender a relação entre notícia e consumidor no tempo histórico em que acontecia a Segunda Guerra, e avaliar as influências individuais e históricas do sujeito no discurso. A entrevista foi realizada pessoalmente em Ribeirão Preto (SP), no segundo semestre de 2022. As respostas foram decupadas na íntegra, como forma de preservar vícios de linguagem e formas de expressão individual do entrevistado.

*"Valter Mengelle, nascido em Batatais em 23 de outubro de 1943."*

*"Nós éramos nove irmãos. Meu pai era descendente de alemães, que vieram para o Brasil em 1890 bem crianças ainda. Ele conheceu minha mãe, que era de família italiana, e eles se casaram e foram morar em Pitangueiras, na ocasião. Meu pai trabalhava na Força e Luz e minha mãe era dona de casa. Já em Batatais, ela começou a fazer doces para fora. Geleias, essas coisas, e mandava meus irmãos venderem. Eles saíam para trabalhar e levavam, e assim a gente ia sobrevivendo. Quando meus irmãos já estavam adultos, resolveram montar uma farmácia própria, em 1954. E eu fui trabalhar com eles."*

*"Eu era o caçula, a mais velha de todos nós era a Nice, teria hoje 99 anos. Depois vinha a Glorinha, a Lourdes, a Elsa, e depois vieram os homens. Luiz, Zé Mengelle, Vanderlei, o Dilson e eu. A gente era muito unido, eu tenho muita saudade daquele tempo, porque a relação entre todo mundo era muito boa. Hoje só sobrou eu."*

*"Eu fui embora para Orlândia em 1958 e fiquei até 1964. Depois vim para Ribeirão, fui bancário por uns três anos, aí saí e voltei para a farmácia. Conheci sua avó nesse ano, em um baile de carnaval. E uma semana depois, mais ou menos, eu vim aqui. Ela morava na [Rua] Rio Branco, mas não estava em casa na hora. Mas comecei a conhecer a família toda, meu sogro, o pai dele também. Depois de quatro ou cinco anos namorando, resolvemos casar."*

*"Quando acontecia alguma coisa, a gente ficava sabendo através do rádio, mas não era tudo. Na ocasião, por exemplo, em que Getúlio Vargas morreu, em 1952 ou 53, não me recordo agora, foi uma repercussão muito grande. Todo mundo só falava disso. Diziam que tinha se suicidado por conta de problemas com a oposição. Eu estava em Batatais, era menino ainda. Estava em casa com meu pai, minha mãe, alguns dos meus irmãos que não estavam trabalhando na hora."*

*"Em Batatais tinha um jornal impresso, mas eu não me recordo o nome. Mas meu sobrinho trabalhou lá muito tempo, porque naquela época o jornal era através daquelas pecinhas que tinha que montar, e tal e coisa. Ele trabalhou muito tempo nisso. Mas a gente não tinha muito costume de comprar jornal, não. Era difícil comprar e tinha pouca coisa de notícia."*

*"A gente não sabia absolutamente nada sobre a Segunda Guerra na época. Eu evidentemente era muito pequeno, não lembro, mas as pessoas em casa comentavam muito pouca coisa. Era tudo muito sigiloso. A gente conhecia algumas pessoas que foram convocadas para a guerra. Alguns morreram, outros retornaram, mas era muito deficiente o sistema de informação. Tinha muito pouco. Na Copa de 1966, por exemplo, eu trabalhava em uma empresa que tinha aqui na [Rua] Garibaldi aos sábados. Ia lá aprender, e depois voltei para o banco. Naquela época a televisão era preta e branca e mal pegava, a visibilidade da televisão era muito ruim, era muito difícil."*

*"Comecei a entender mais o que tinha acontecido depois da guerra, até por conta de um trote da sua mãe. Nosso nome estava em evidência e ela me ligou se passando por alguém que queria fazer uma entrevista. Me arrumei e tudo, mas não sabia de nada direito. Comecei a entender depois disso."*

*"Fui para Orlândia em 1958. Até então, não se falava nada sobre isso. Depois que retornei para Ribeirão que a gente começou a saber alguma coisa a respeito. E aí eu achei uma barbaridade né, com relação àquela loucura. Hoje em dia passa todo dia na televisão coisa do holocausto. Dá mal estar, assim como por exemplo a guerra da Ucrânia, aquele desgraçado bombardeando prédios residenciais."*

*"Hoje em dia eu não me sinto mais constrangido com o sobrenome. Agora não. Aliás há uma diferença muito grande entre nossos primos em relação à assinatura, e isso porque na ocasião, essa coisa de cartório não era igual hoje, eles sempre escreviam errado, então cada um assina de um jeito né. Mas não penso nisso mais. Penso que é família."*

*"Antigamente a gente era menos informado porque era mais difícil se informar, salvo quando a coisa acontecia pertinho. Mas São Paulo, ih, não sabia nada não. Mas era mais confiável procurar informação naquela época. Sempre existiu mentira, mas naquele tempo também era muito menos. Hoje elas tomaram conta. Mas também sinto que sou mais bem informado hoje em dia. A informação está aí a toda hora, logo que acontece."*

*"A Guerra da Ucrânia, veja bem, ano passado. Começou aquele ensaio tal e todo, a Rússia levando os canhões para todo lado, fazendo pressão. Eu estava vendo tudo,*

*antigamente jamais saberia. Mas não tenho ideia do que eu estava fazendo na hora que a Guerra começou de fato. Não lembro não."*

*"Eu acho que guardar a história faz parte da vida. Todo esse procedimento do caderno foi feito pelo Dito, ele era super politizado, guardava tudo. Toda e qualquer coisa que faz parte da história tem que guardar. O que passou, por exemplo, em termo de coisas absurdas que já aconteceram, precisam ser lembradas. É uma questão de conhecimento futuro."*

*"Em 1950 tinha uma fábrica de tecido lá em Batatais, e sempre vinha um engenheiro que fazia alguma coisa lá. Não me contavam o que, eles sentavam na sala e a gente que era criança não podia participar, a gente era tocado. Esse engenheiro era alemão, e ele conversava em alemão com o meu pai. Alguns dos meus irmãos sabiam falar um pouco. Eu nunca soube."*

# 3 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: *TikTok*

A primeira versão do aplicativo que viria a se tornar o *TikTok* foi criada em 2014, com o nome Musical.ly e voltado para a publicação de vídeos dublando músicas e áudios. Três anos depois, em 2017, a empresa foi comprada pela gigante *ByteDance*, que renomeou o aplicativo como *TikTok*, já visando o mercado internacional.

O *TikTok* é uma rede social que só comporta o compartilhamento de vídeos, que possuem duração entre 15 segundos e 3 minutos. O aplicativo também fornece diversas ferramentas de edição, como filtros, legendas, trilha sonora, *gifs*, cortes e tantos outros, de modo a deixar cada vídeo mais personalizado e atrativo para outros usuários, mas se destaca de concorrentes como o *Instagram* e o *Twitter* pela facilidade com que um conteúdo pode viralizar.

Essa facilidade acontece por conta da maneira como o algoritmo que gerencia os conteúdos é programado. Mídias sociais visuais tendem a se concentrar em imagens ao invés de texto (LEAVER et al., 2020), mas o TikTok utiliza o áudio como carro chefe para que um conteúdo viralize.

Entre os hábitos mais comuns e tipos de vídeos mais criados estão desafios, as famosas coreografias, imitações de pessoas famosas, narrativas inusitadas e sátiras que instigam o usuário a querer participar da brincadeira. O *TikTok* é muito conhecido entre os jovens, mas ainda enfrenta certa resistência por parte de usuários mais velhos, em geral a partir da geração *millenial*.

O aplicativo registrou 2 bilhões de *downloads* apenas nos três primeiros meses de 2020, quebrando o recorde de maior número de downloads na categoria geral de aplicativos em apenas um trimestre (CHAPPLE, 2020). Essa adesão expressiva da população mundial acabou atingindo até mesmo formatos tradicionais de informação, como a televisão, em especial dentro do Jornalismo de Guerra.

No início da Guerra da Ucrânia, em 26 de fevereiro de 2022, as emissoras de todo o mundo redirecionaram correspondentes e equipes até a Europa para dar início à cobertura televisiva. A velocidade de chegada dessas equipes, por mais próximas da zona de conflito que estivessem, não foi suficiente para impedir as câmeras dos próprios ucranianos de compartilharem informações a respeito da guerra.

Abaixo, serão analisados cinco vídeos a respeito da Guerra na Ucrânia publicados no *TikTok*.

## 3.1 IN 2021 I WAS LIVING A NORMAL LIFE IN KYEV

**Figura 6 –** I was living a normal life in Kyev

**Fonte:** *TikTok*.

O primeiro vídeo selecionado mostra a vida de uma mulher ucraniana antes e após o início do conflito. Logo na abertura, a legenda diz ‘em 2021 eu estava vivendo uma vida normal em Kyev’, com imagens do que se supõe ser a rotina da moradora antes do início da guerra.

Em seguida, a legenda diz ‘em 2022, me tornei uma refugiada’, com imagens que mostram a saída da Ucrânia até o centro de refugiados, com breves registros das instalações e momentos vivenciados nessas circunstâncias. A trilha sonora escolhida para o vídeo chama a atenção, por ser uma melodia leve, com o acompanhamento dizendo ‘*my head is a jungle*’, que na tradução literal, significa ‘minha cabeça está uma selva’.

Os motivos pelos quais o vídeo viralizou são bastante óbvios. Em primeiro lugar, existe a curiosidade inerente do ser humano em observar como as pessoas se comportam em

situações de extremo risco, em especial quando estão em posição de vulnerabilidade. Em segundo lugar, a guerra em si é um fato histórico marcante e que gera comoção em todos os níveis sociais, aumentando ainda mais o interesse e a curiosidade do telespectador.

Mas o grande destaque do conteúdo aqui analisado é a dimensão que ele confere, em 18 segundos, do impacto do conflito nas microesferas cotidianas, que por sua vez, são mais difíceis de serem captadas por equipes televisivas durante conflitos armados. É justamente a espontaneidade do que é mostrado, somado ao alto nível de intimidade que o vídeo expõe, que prende a atenção de quem assiste.

## 3.2 MY LIFE BEFORE WAR

**Figura 7 –** My life before war

**Fonte:** *TikTok*.

O segundo conteúdo analisado também traz informações pessoais a respeito de alguém que está diretamente envolvida na guerra, mas sob um ponto de vista mais cultural. A Ucrânia é um país cuja independência se deu em 1991, com a dissolução da União Soviética.

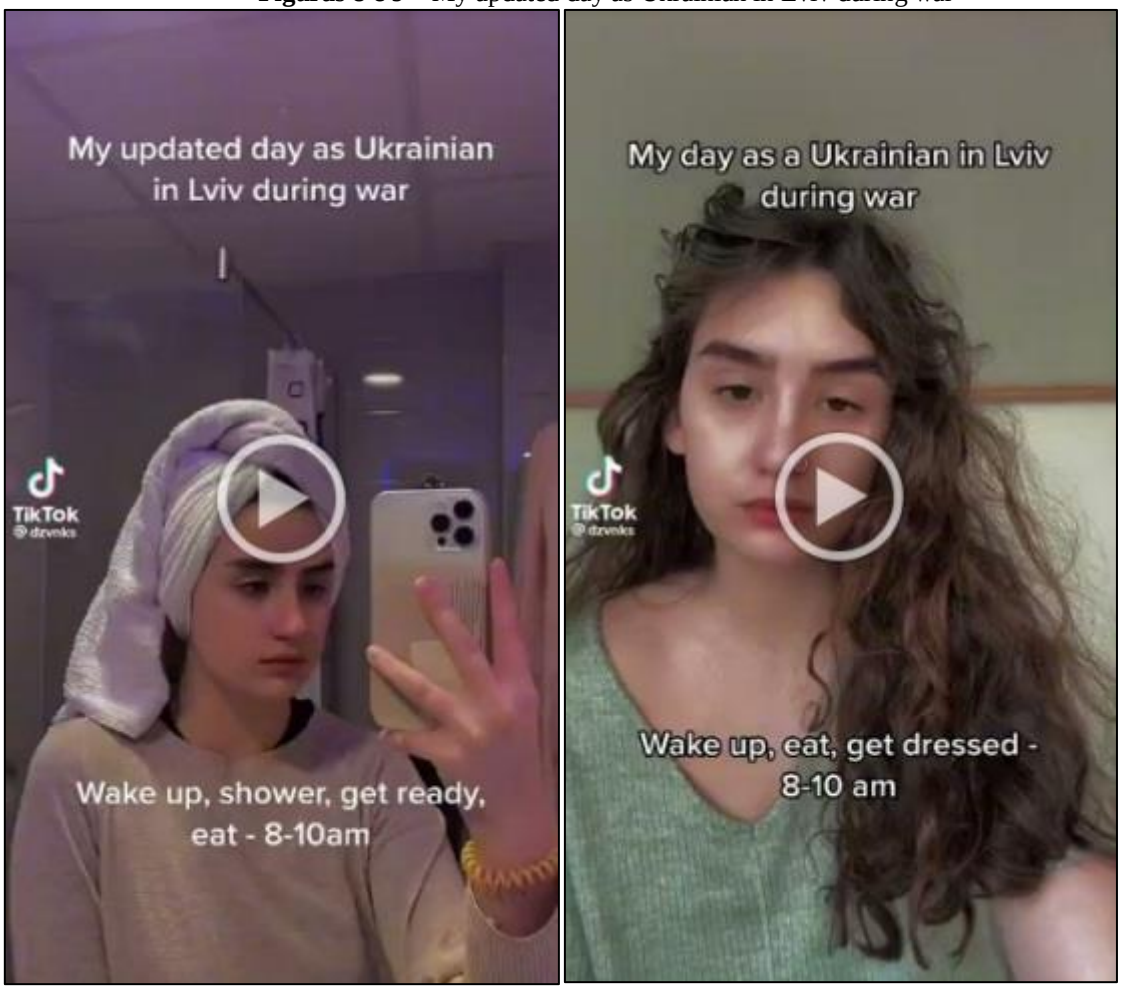
Considerada o berço dos povos eslavos, a nação tem papel tímido na política e no imaginário internacional, que ainda atrela boa parte da cultura ucraniana à russa. No vídeo selecionado, uma dançarina de rua mostra *takes* de apresentações de apresentações de dança diversas, acontecendo sempre em espaços públicos.

A trilha sonora tem partes instrumentais, intercaladas com uma abertura falada em ucraniano, que acontece no mesmo momento em que se lê *'my life before war'*, ou seja, 'minha vida antes da guerra'. A junção da trilha sonora com as imagens que mostram a cultura local de um país pouco conhecido chama a atenção do telespectador para o vídeo completo, que tem 32 segundos.

Na segunda parte do vídeo, enquanto as imagens passam ao fundo e a trilha se torna mais marcada, a legenda diz 'eu tenho orgulho do meu país, que me deu essas ruas onde me tornei uma pessoa', trazendo um apelo emocional que relembra o telespectador de que o cenário dos bombardeios, na verdade, é o ambiente onde diversas pessoas conviviam e se desenvolviam todos os dias.

## 3.3 MY UPDATED DAY AS UKRAINIAN IN LVIV DURING WAR

**Figuras 8 e 9 –** My updated day as Ukrainian in Lviv during war




**Fonte:** *TikTok*.

O terceiro e o quarto vídeo serão analisados de forma conjunta porque trazem, essencialmente, o mesmo conteúdo em dias diferentes. Nos dois vídeos, a guerra já está acontecendo, e uma moradora mostra como ficou a rotina de uma forma extremamente íntima, e que já se comunica com jovens ao redor de todo o mundo por trazer tarefas comuns do cotidiano, como a de se arrumar para a aula, assistir uma aula e apenas descansar por estar cansada.

Em um dos vídeos, a menção mais direta à realidade da guerra acontece no momento em que as notícias do dia são roladas em um celular. Já no outro, a rotina começa a incorporar elementos mais palpáveis da proximidade com a guerra, como o voluntariado num centro que providencia acesso à ajuda humanitária e parece combater *cyber attacks*. Se não fosse pela

indicação da legenda de que a rotina ali retratada está inserida no contexto da guerra, provavelmente o vídeo passaria despercebido pelos usuários.

Outro destaque dos vídeos aqui analisados é o uso do áudio como forma de incentivar a publicação a viralizar. As duas trilhas selecionadas são completamente diferentes, e em uma delas, a letra da trilha diz *'you're my best friend and I love you forever'*, ou 'você é minha melhor amiga e eu te amo para sempre', na tradução literal.

Apesar de não ter nenhum sentido com as imagens mostradas, já que o intuito do vídeo não é falar de amizade, a escolha também não parece ser aleatória, uma vez que o *TikTok* sabidamente impulsiona vídeos produzidos com áudios que já estão em alta. Essa escolha pode comunicar que a usuária que fez as postagens busca disseminar a rotina dentro do contexto da guerra, assim como pode abrir diferentes interpretações a respeito do por que ela tomou essa decisão.

## 3.4 PLEASE, TAKE ACTION

**Figura 10 –** Please, take action

**Fonte:** *TikTok*.

O último conteúdo a ser analisado possui uma imagem mais clara e direta do que os anteriores, porque não pretende comover o telespectador através de uma ruptura na rotina ou por coincidências nos hábitos cotidianos, mas pura e simplesmente pelo pedido. Na imagem, é possível ver uma ucraniana, enrolada na bandeira do país e com uma placa que pede 'Europa, acorde'.

O vídeo possui 14 segundos e a trilha sonora é a edição de um trecho de música que diz *'the reason I hold on'*, que na tradução, significa 'o motivo pelo qual resisto'. A trilha compõe a mensagem passada pelo cartaz de que os ucranianos resistem na guerra esperando que outras nações enviem ajuda e se posicionem, pressionando a Rússia pelo fim do conflito,

## 3.5 ENTREVISTA COM VITÓRIA COIMBRA E SOUZA

A entrevista aqui transcrita também foi realizada com o objetivo de entender a relação entre notícia e consumidor nos dias atuais, também avaliando as influências individuais e históricas do sujeito. A entrevista, realizada pessoalmente em Ribeirão Preto (SP) no segundo semestre de 2022, foi decupada buscando preservar vícios de linguagem e formas de expressão individual do entrevistado.

*"Vitória Coimbra e Souza, nascida em Ribeirão Preto mesmo no dia 11 de dezembro de 1994."*

*"Quando eu era pequena éramos eu e minha mãe, e minha avó. Minha vó enchia muito meu saco para ir bem na escola, e até o começo do ensino fundamental, sempre que tinha que pesquisar alguma coisa eu ia na biblioteca da escola mesmo."*

*"Até tinha internet já, mas em casa demorou um pouco mais porque a gente era pobre, né. Que eu comecei a fazer tudo na internet mesmo, já era adolescente, e ainda sim era meio mais ou menos, porque minha avó limitava o meu tempo no computador. Só podia tantos minutos por dia, porque ocupava a linha de telefone, era caro, essas coisas. Ai eu preferia usar para entrar no Orkut do que fazer pesquisa."*

*"Estudei a Segunda Guerra toda na escola mesmo, lá para o final do ensino fundamental, começo do ensino médio, por ai. Meu professor era muito bom e desde o início dava muito nome aos responsáveis, explicava a motivação do ódio contra os nazistas e os*

*comunistas também, né. Eu concordava com tudo que ele falava, e como o assunto era interessante, eu via muito filme, lia algumas coisas sobre. Quanto mais eu estudava, mesmo por fora da escola, mais eu concordava com meu professor de que nazismo é uma aberração da humanidade."*

*"Eu peguei as redes sociais desde o começo né, flogão, essas coisas, até o Orkut e depois a chegada do Face e do Insta. Sempre gostei muito. E assim, já nasceu fonte de informação né? Só que antes era da vida alheia. Hoje em dia em rede social eu vejo tudo, menos a vida das pessoas que eu conheço. Tudo que acontece eu entro no Instagram, principalmente, para ver se aconteceu mesmo."*

*"Televisão eu só uso para ver netflix. Nem lembro quando liguei a TV para ver notícias pela última vez, nossa. Deve ter sido no BBB."*

*"O TikTok eu comecei a ver mais por causa das dancinhas né, como eu trabalho com criança e adolescente, eu sempre procuro meios de me aproximar deles, trazer a vida deles para as aulas para ver se eles prestam atenção. E eu adoro, me divirto muito."*

*"Olha, eu sinceramente não lembro de ter visto nada sobre a Guerra da Ucrânia ultimamente, mas ultimamente também eu só entro para ver as dancinhas para a Copa, né? Ai o algoritmo prioriza isso, dancinha e coisa da Copa. Mas logo quando começou, nossa, tinha muito vídeo da guerra aparecendo para mim. Eu ficava muito triste."*

*"A guerra começou bem no começo do ano né, eu lembro porque pensei 'nossa, 2022 começando bem'. Mas não lembro o que estava fazendo nem como fiquei sabendo não. Só lembro que nossa, começou a guerra e todo mundo só falava nisso, o pessoal fazia muito meme falando que a gente não tinha um minuto de paz porque a pandemia estava acabando e já tinha guerra, essas coisas assim. E realmente né, o timing foi horrível mesmo."*

*"Eu lembro de um vídeo que tinha a menina meio que fazendo um vlog do acampamento de refugiados. Ela passava umas fotos no fundo e ia explicando na frente como e onde funcionava cada coisa e tudo mais. Ai depois ela postou mais uns TikToks de verdades e mentiras sobre viver num abrigo e um de memórias de antes da guerra também. Mas não lembro exatamente detalhes, assim. Só lembro que vi o vídeo e pensei que era muito bizarro a*

*pessoa estar num acampamento de refugiado e gravar TikTok, sabe? Achei muito estranho. Mas aí depois pensei 'ah, mas o que mais será que ela pode fazer enquanto espera para ir para outro lugar?' Aí fez mais sentido. Mas depois não vi mais nada dela também."*

*"Eu sei mais ou menos o que está acontecendo por causa de um vídeo ou outro que aparece de alguém explicando uma movimentação mais tensa do Putin, principalmente, ou por conta de comentários relacionando a guerra ao agro brasileiro, agora que as brigas por causa das eleições estão ficando mais frequentes. Mas assim, eu também nem fico procurando muito. Muito do que sei sobre a situação da Ucrânia, eu aprendi na escola, estudando o fim da Segunda Guerra, Guerra Fria, essas coisas que a gente sabe que não mudaram tanto assim até hoje. Pessoal continua procurando o fantasma do comunismo por aí e usando isso de desculpa para estragar tudo."*

*"Olha, eu sempre vou ser contra qualquer tipo de violência, por mais justificada que ela seja. Não gosto nem de pensar nos refugiados lá da guerra, mas a gente tem problemas mais sérios aqui, sabe? Eu acho que a gente tinha que olhar mais para cá mesmo."*

# 4 RESULTADOS

As entrevistas evidenciaram alguns aspectos importantes a respeito da relação entre memória e notícia. Em primeiro lugar, analisando o contexto histórico em que os entrevistados buscaram informações a respeito da Segunda Guerra Mundial, é possível depreender que a tecnologia influenciou diretamente a capacidade de se informar dos entrevistados.

Apesar de ter crescido em um tempo histórico mais próximo da Segunda Guerra Mundial do que a Vitória, o acesso à informação de Valter demorou mais para ser viabilizado. Essa diferença fica nítida no trecho:

> A gente não sabia absolutamente nada sobre a Segunda Guerra na época. Eu evidentemente era muito pequeno, não lembro, mas as pessoas em casa comentavam muito pouca coisa. Era tudo muito sigiloso. A gente conhecia algumas pessoas que foram convocadas para a guerra. Alguns morreram, outros retornaram, mas era muito deficiente o sistema de informação.

Já no caso da Vitória, que conheceu a história da Guerra nos anos 2010, na escola, a informação já era mais acessível, apesar de mais distante do ponto de vista cronológico. Essa discrepância também evidencia outro fator importante a respeito da memória dos sujeitos, no que se refere ao conteúdo da Guerra que era passado.

Para Valter, o interesse em estudar mais profundamente a Segunda Guerra se inicia no momento em que o sobrenome dele, que é o mesmo do médico nazista Josef Mengele, começa a estar em evidência. Não apenas ele reconhece o momento em que começa a se aprofundar na história da Segunda Guerra, como também se recorda um fato específico da família que fez com que ele procurasse entender o motivo pelo qual o sobrenome estava em evidência.

Essa vivência, por sua vez, também é ressaltada quando se contrasta a maneira como os dois entrevistados se referem ao nazismo. O discurso de Vitória, que se informou a respeito na escola, majoritariamente, é mais aberto ao condenar o pensamento a respeito da ideologia e admite ter sido influenciado por outro discurso que chegou pronto até ela, partindo do professor de história, com o qual ela apenas concordou.

Nas respostas de Valter, é possível notar que não apenas termos referentes ao nazismo são evitados, como o discurso em si se apressa em justificar a diferença nas grafias do

sobrenome entre membros da mesma família e também ressaltar que ele evita pensar no assunto.

> Hoje em dia eu não me sinto mais constrangido com o sobrenome. Agora não. Aliás há uma diferença muito grande entre nossos primos em relação à assinatura, e isso porque na ocasião, essa coisa de cartório não era igual hoje, eles sempre escreviam errado, então cada um assina de um jeito né. Mas não penso nisso mais. Penso que é família.

O discurso acima ressaltado denota um ponto de vista histórico intrínseco a Valter, que jamais poderia ter partido de Vitória, uma vez que está relacionado à história e às memórias de família dele, que não fazem parte da constituição familiar e ideológica dela.

Outro ponto importante ressaltado pelo contraste das entrevistas se refere à forma como os acontecimentos cotidianos se entrelaçam aos fatos históricos que chegam ao conhecimento através das notícias. Valter demonstrou se lembrar da morte de Getúlio Vargas, que aconteceu quando ele ainda era criança, com uma riqueza de detalhes maior do que Vitória conseguiu se lembrar do que fazia no momento em que soube do início da Guerra na Ucrânia, que aconteceu em 2022.

> A guerra começou bem no começo do ano né, eu lembro porque pensei ‘nossa, 2022 começando bem’. Mas não lembro o que estava fazendo nem como fiquei sabendo não. Só lembro que nossa, começou a guerra e todo mundo só falava nisso, o pessoal fazia muito meme falando que a gente não tinha um minuto de paz porque a pandemia estava acabando e já tinha guerra, essas coisas assim. E realmente né, o timing foi horrível mesmo.

Valter também não conseguiu se lembrar, com precisão, o que estava fazendo no momento em que soube do início da mesma guerra, mas durante a entrevista, foi capaz de contextualizar de forma mais completa a escalada da tensão entre os dois países de forma até a eclosão do conflito, conforme se evidencia no trecho “*a Guerra da Ucrânia, veja bem, ano passado. Começou aquele ensaio tal e todo, a Rússia levando os canhões para todo lado, fazendo pressão. (...) Mas não tenho ideia do que eu estava fazendo na hora que a Guerra começou de fato. Não lembro não.”*

O fato de que nenhum dos entrevistados, acompanhando o início da mesma Guerra ao mesmo tempo, conseguiu se lembrar do que fazia no momento em que o conflito começou mesmo tendo formações e costumes totalmente diferentes um do outro, evidencia um aspecto importante a ser considerado, que é a capacidade do leitor de fixar a informação sem que haja uma busca ativa por ela. Esse aspecto fica evidenciado quando Vitória diz:

> Eu sei mais ou menos o que está acontecendo por causa de um vídeo ou outro que aparece de alguém explicando uma movimentação mais tensa do Putin, principalmente, ou por conta de comentários relacionando a guerra ao agro brasileiro, agora que as brigas por causa das eleições estão ficando mais frequentes. Mas assim, eu também nem fico procurando muito. Muito do que sei sobre a situação da Ucrânia, eu aprendi na escola, estudando o fim da Segunda Guerra, Guerra Fria, essas coisas que a gente sabe que não mudaram tanto assim até hoje.

É possível observar, no trecho destacado, que a própria Vitória afirma saber sobre a Ucrânia por conta de pesquisas que fez durante a escola, do que por conteúdos que chegam até ela de forma espontânea e atualizada todos os dias.

Ainda, enquanto Valter traz algumas informações, mesmo que mais superficiais, a respeito do contexto de determinado fato, seja ele histórico ou pessoal, os conteúdos a respeito da Guerra sobre os quais Vitória discorreu se fixaram em sua memória por conta do formato. Essa afirmação se evidencia no trecho:

> Eu lembro de um vídeo que tinha a menina meio que fazendo um vlog do acampamento de refugiados. Ela passava umas fotos no fundo e ia explicando na frente como e onde funcionava cada coisa e tudo mais. Ai depois ela postou mais uns TikToks de verdades e mentiras sobre viver num abrigo e um de memórias de antes da guerra também. Mas não lembro exatamente detalhes, assim. Só lembro que vi o vídeo e pensei que era muito bizarro a pessoa estar num acampamento de refugiado e gravar TikTok, sabe? Achei muito estranho. Mas aí depois pensei 'ah, mas o que mais será que ela pode fazer enquanto espera para ir para outro lugar?' Aí fez mais sentido. Mas depois não vi mais nada dela também.

Por fim, ressalta-se uma diferenciação importante feita por Valter, ao falar sobre o fato de se sentir mais bem informado nos dias atuais.

> Antigamente a gente era menos informado porque era mais difícil se informar, salvo quando a coisa acontecia pertinho. Mas São Paulo, ih, não sabia nada não. Mas era mais confiável procurar informação naquela época. Sempre existiu mentira, mas naquele tempo também era muito menos. Hoje elas tomaram conta. Mas também sinto que sou mais bem informado hoje em dia. A informação está aí a toda hora, logo que acontece.

Apesar de se considerar mais bem informado nos dias atuais, por conta da facilidade com que é possível acessar a informação, Valter alega que sentia mais confiança no ato de se informar antigamente. Este fato pode ser atribuído ao processo de busca pela informação que era necessário percorrer antigamente, mas também ao fato de que, em um universo com menos informações, a gama de informações falsas disponíveis também será menor.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a analisar os efeitos da tecnologia na memória discursiva no contexto do Jornalismo de Guerra. Inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica com ênfase nos conceitos de discurso, memória e sujeito discursivo, seguindo os preceitos de Michel Pechêux. Em seguida, foram analisados conteúdos jornalísticos referentes à Segunda Guerra Mundial e à Guerra da Ucrânia, veiculados em formatos e tempos históricos completamente diferentes. A escolha dos conteúdos foi feita por um sujeito discursivo constituído e, seguindo os conceitos demonstrados pelo próprio trabalho, a própria escolha veio implícita de significados justamente por conta da constituição ideológica, social e histórica de quem a fez. Existem semelhanças entre narrativas contadas nos conteúdos a respeito da Segunda Guerra e outras narrativas que se passaram mais recentemente, que também podem implicar em camadas interpretativas mais profundas para alguns leitores.

As entrevistas realizadas com consumidores de informação que possuem formações ideológicas, sociais e históricas totalmente diferentes buscaram avaliar pontos de convergência e divergência a respeito do ato de se informar, e principalmente, quais os significados implicados aos discursos pelo caminho percorrido durante o processo de informação.

Os resultados mostraram que no tocante à Segunda Guerra Mundial, o discurso feito pelos dois entrevistados é oposto por conta da maneira como as narrativas da guerra chegaram até eles. Apesar de ter nascido, cronologicamente, em um período mais próximo à Segunda Guerra, as limitações tecnológicas dificultaram o acesso à informação de Valter, que só foi procurar entender o que tinha acontecido naquele período depois de adulto, e motivado por questões pessoais referentes ao próprio nome, que jamais poderiam ser vivenciadas por Vitória. Vitória, por sua vez, apesar de ter nascido em uma época mais distante, se beneficiou da facilidade do acesso à informação por meio da escola e da *Internet*, mas também foi vítima deste mesmo recurso, uma vez que a informação completa não se fixa completamente por conta da velocidade em que é passada para baixo pelas atualizações de conteúdo do aplicativo.

Os resultados também mostraram que a relação dos entrevistados com a Guerra na Ucrânia é afetada pela maneira como eles se relacionam com os meios de comunicação disponíveis. Enquanto a construção de Valter faz com que ele se atente mais ao conteúdo a respeito da guerra, Vitória é mais atraída e tem a memória mais voltada para questões

referentes ao formato em que a informação chega até ela. Esse ponto se evidencia na maneira como Valter é capaz de falar, em uma conversa corriqueira, a respeito do que chama de "ensaios da Guerra" que precederam o início do conflito na Ucrânia e foram acompanhados por ele na televisão, enquanto Vitória, que tinha acesso à cobertura do *TikTok* acontecendo quase de forma simultânea, possui mais lembranças referentes a outros conteúdos que se relacionavam com a Guerra da Ucrânia, mas não demonstrou entender muito sobre o desenvolvimento do conflito em si.

O último ponto de destaque levantado nos resultados diz respeito à diferenciação, feita por um dos entrevistados, entre estar bem informado e confiar na informação disponível. Apesar de se sentir mais bem informado nos dias atuais do que na época da infância, Valter alegou sentir mais confiança na busca por informação antigamente, em comparação ao que sente atualmente.

Fundado em 2016 por uma empresa chinesa, o *TikTok* ainda é considerado um fenômeno recente, cujos impactos no universo da comunicação estão começando a aparecer e ainda precisarão de muitos anos para serem avaliados de forma mais concreta e em maior escala. O presente estudo também reconhece que a amostra através da qual os resultados foram obtidos é uma amostra muito pequena para que os resultados sejam considerados conclusivos, razão pela qual ainda é necessário explorar o tema com mais profundidade e amplitude.

# REFERÊNCIAS


ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALLAN, Stuart; ZELIZER, Barbie. **Reporting war: Journalism in wartime**. Abigdon: Routledge, 2004.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARREIRA, C. R. A. & RANIERI, L. P. **Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia**: a entrevista como fonte de acesso às vivências. Em: M. Mahfoud, M. Massimi (Org.), Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã, p. 449-466, 2013.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, S. R: Editora da UN1CAMP, 1996.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa.** 2013. 117 f. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2013.

CHAPPLE, C. **TikTok crosses 2 billion downloads after best quarter for any app ever**. Sensor Tower, 29 abr. 2020. Disponível em: https://sensortower.com/blog/tiktokdownloads-2-billion

CHARAUDEAU, P. 2006. Discurso Político. São Paulo: Contexto.

ECO, U. **El signo**. Barcelona: Letra E, 1988.

GARVIN, Paul. **A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure and Style**. Washington D.C. 1964.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso**: conceito e aplicações. Alfa, São Paulo, n. 39, p. 13-21, 1995.

GRIGOLETTO, E. A. Noção de Sujeito em Pêcheux: uma Reflexão acerca do Movimento de Desidentificação. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 61-67, jun 2005.

HAYASHI, R. K. S. (2021). **Memória e (res)sentimento:** instantes do massacre da Coréia do Sul. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, 2(29), 165–189.

LEAVER, T., HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C. Instagram: **Visual Social Media Cultures**. Cambridge: Polity Press. Li, J. 2020. TikTok is suppressing LGBT content in Eastern Europe and the Middle East. Quartz, 8 set. 2020. Disponível em https://qz.com/1900530/tiktok-shadow-bans-lgbt-hashtags-in-russian-and-arabic/ last.

MUTTI, R.M.V. Memória no discurso pedagógico. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. pp. 265-76.

_____. O primado do outro sobre o mesmo... In I SEAD - Seminário de estudos em Análise do Discurso UFRGS, 2003, Porto Alegre. **Anais**... Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/ReginaMariaVariniMutti.pdf>

NARZETTI, C. N. **A formação do projeto teórico de Michel Pêcheux:** de uma teoria geral das ideologias à Análise do Discurso. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**: prelúdio para uma filosofia do futuro. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Capinas: Unicamp, 1997.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos**, Campinas, n. 4, p. 17-27, maio 1999.

_____. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. [*S. l.*]: Pontes, 2005. 100 p.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005a.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pecheux. Tradução Bethania Mariani, et al. Organizadores Francaise Gadet, Tony Hak. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX. **Papel da memória.** In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. Le discours: structure ou événément? **L'Inquiétude du Discours**; textes de Michel Pêcheux, 1990.

_____. Analyse du discours: trois époques (1983). **L' Inquiétude du Discours**; textes de Michel Pêcheux, 1990.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: **Por uma análise automática do discurso**; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Jonas de Araújo Romualdo. Organizadores Francaise Gadet, Tony Hak. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2008.

RODRIGUES, I. C. Paráfrase e polissemia: os sentidos possíveis da palavra “sistema” no discurso das cotas de acesso à universidad e pública. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagem, usos e ensino**, n. 43, p. 119-136, 2011.

TEIXEIRA, Carla D. dos Santos. DO PAPEL DO JORNAL ÀS ONDAS DO RÁDIO: O DIÁRIO DE S. PAULO E O DESENVOLVIMENTO DA RADIODIFUSÃO NO BRASIL, 1931-1937. **XVI Encontro Regional da História**: Anpuh-Rio, 2014. ISBN 978-85-65957-03-8. Anual. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400527937_ARQUIVO_TextoAnpuhRJ.pdf